UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Centro de Artes

Especialização em Artes

Trabalho de Conclusão de Especialização

Arte, Política e Saúde Mental: Travessias de uma Experiência Profissional e Pedagógica como Oficineira de CAPS

Gabriela Paludo Sulczinski

Pelotas, 2023

Gabriela Paludo Sulczinski

Arte, Política e Saúde Mental: Travessias de uma Experiência Profissional e Pedagógica como Oficineira de CAPS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Maristani Polidori Zamperetti

Pelotas, 2023

Gabriela Paludo Sulczinski

Arte, Política e Saúde Mental: Travessias de uma Experiência Profissional e Pedagógica como Oficineira de CAPS

Trabalho de Monografia apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Especialização em Artes, Centro de Artes, pela Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 12/05/2023

Banca examinadora:

……..……

Profa. Dra. Maristani Polidori Zamperetti (Orientadora)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

……..……

Prof. Dr. Gustavo Angelo Dias

Doutor em Música pela Universidade Estadual de Campinas

……..……

Prof. Dr. Leandro Ernesto Maia

Doutor em Música pela Bath Spa University

……..……

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S949a Sulczinski, Gabriela Paludo

Arte, política e saúde mental : travessias de uma experiência profissional e pedagógica como oficineira de CAPS / Gabriela Paludo Sulczinski ; Maristani Polidori Zamperetti, orientadora. — Pelotas, 2023.

65 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Artes) — Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Arte e política. 2. Saúde mental. 3. Oficina de artes. 4. CAPS. 5. Arte e educação. I. Zamperetti, Maristani Polidori, orient. II. Título.

CDD : 707

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de começar agradecendo à minha mãe por todo o apoio e o carinho no desenvolvimento desta monografia. Cada palavra de incentivo, cada intercâmbio de saberes e de afetos contribuiu para que esta pesquisa pudesse acontecer de forma plena e otimista. Quero também agradecer ao meu pai por me auxiliar e incentivar à sua maneira nas minhas escolhas e anseios de vida. Todo amor que tenho por vocês dois se reflete no bem que procuro cultivar.

Quero agradecer à minha querida Marina, que me acompanha com toda delicadeza e beleza nos percursos desta travessia. Teu amor e carinho me fazem acreditar todos os dias na bondade que existe neste mundo. Obrigada por tanta felicidade na minha vida.

Agradeço à família d'os bonitos: Leo, Carol, Queila, Chris e Woody, por todas as vivências e momentos de cuidado e de aprendizado. Junto a eles, agradeço imensamente aos meus avós, que são os grandes exemplos de ternura que conheço e tenho a sorte de conviver; vocês vivem no meu coração!

Agradeço aos amigos que fiz ao longo do percurso na universidade e a todos os colegas e professores que participaram da minha pós-graduação. Obrigada por toda a receptividade e acolhida que tive na cidade de Pelotas e especialmente à UFPEL, pelo seu ensino público e gratuito.

Agradeço à minha orientadora, Maristani Zamperetti, por aceitar orientar este trabalho e me conceder um lugar no seu grupo de Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais. Sua pronta receptividade comigo e com as dúvidas que possuía sobre os rumos da pesquisa marcaram as primeiras impressões da universidade. Agradeço também aos professores da banca pelo interesse em participar da avaliação final de minha pós-graduação: ao professor Gustavo Dias, por suas contribuições essenciais sobre o campo social nas disciplinas que frequentei, e ao professor Leandro Maia, por suas aulas instigantes e por disponibilizar o acesso às salas da faculdade de música, oportunizando um lugar para que eu pudesse treinar canto e piano. Obrigada aos três professores por fazerem parte desta pesquisa.

Que este trabalho possa criar suas raízes e retribuir por cada ação, pensamento, gesto ou palavra que fundamentam os ideais desta pesquisa.

Resumo

Esta pesquisa busca evidenciar e discutir uma experiência de atuação profissional no campo da arte, a qual envolveu o contato com a área da saúde. No caso específico, a saúde mental no trabalho de Oficineira no Centro de Atenção Psicossocial – CAPS AD III – Travessia, realizado pela pesquisadora. A partir de uma breve explanação e contextualização da conjuntura social e política do Brasil, apresenta os desafios que uma professora de artes, com formação para a atuação na Escola Básica, encontrou ao se deparar com a realidade do CAPS. Nesse sentido, ao evidenciar aspectos do funcionamento institucional do CAPS, trazendo exemplos de atividades lá realizadas, tangencia que o conhecimento pedagógico, específico da área das artes conduz o seu papel de oficineira no referido contexto. Paulo Freire, Frantz Fanon e Nise da Silveira são três dos referenciais teóricos mais utilizados na pesquisa para desenvolver o pensamento a partir da educação e da saúde mental. Ao final, apresenta considerações sobre as diferenças entre ambos os espaços de atuação e traça paralelos a partir da experiência como professora e como oficineira, especialmente no que se refere a disparidades entre Escola e Centro de Atenção Psicossocial. Seja pelo viés terapêutico, artístico ou docente, estes paralelos perpassam entre si na possibilidade da transformação social e da realidade dentro dos contextos políticos dos indivíduos desta pesquisa.

Palavras-chave: Arte e política. Saúde mental. Oficina de artes. CAPS. Arte e educação.

Abstract

This research aims to highlight and discuss a professional experience in the field of art that involved interaction with the healthcare sector. Specifically, it explores the mental health aspects of working as a workshop facilitator at the Psychosocial Care Center – CAPS AD III – Travessia, as experienced by the researcher. Through a brief explanation and contextualization of the social and political situation in Brazil, it presents the challenges faced by an art teacher, who is trained to work in primary schools, when confronted with the reality of CAPS. In this sense, by emphasizing the institutional functioning of CAPS and providing examples of activities carried out there, it suggests that pedagogical knowledge specific to the field of arts guides the role of the workshop facilitator in that particular context. Paulo Freire, Frantz Fanon, and Nise da Silveira are three of the main theoretical references used in this research to develop thoughts based on education and mental health. Finally, the study presents reflections on the differences between the two professional settings and draws parallels based on the experience as a teacher and as a workshop facilitator, especially regarding the disparities between the school system and the Psychosocial Care Center. Whether through a therapeutic, artistic, or educational perspective, these parallels intersect in the potential for social transformation and the understanding of the realities within the political contexts of the individuals in this study.

Keywords: Art and politics. Mental health. Art workshop. CAPS. Art and education.

Lista de Figuras

Figura 1: Traçando os caminhos da travessia (2023) l Fonte: acervo pessoal da autora.....10

Figura 2: Objetos cênicos do CAPS (2022) l Fonte: acervo pessoal da autora.....12

Figura 3: Viver é desenhar sem borracha (2022) l Fonte: produção em oficina.....18

Figura 4: Grupo de sentimentos (2022) Foto: acervo pessoal da autora.....21

Figura 5: Oficina de pintura (2022) l Foto: acervo pessoal da autora.....24

Figura 6: Flor de mandala (2022) l Fonte: produção em oficina.....27

Figura 7: Entrada do Travessia (2022) l Foto acervo pessoal da autora.....29

Figura 8: Distritos de Canoas (2022) l Fonte: site oficial da Prefeitura de Canoas...32

Figura 9: Cenas cotidianas (2022) l Foto: acervo pessoal da autora.....34

Figura 10: Oficina de frotagem (2022) l Foto: acervo pessoal da autora.....37

Figura 11: Horta coletiva (2022) l Foto: acervo pessoal da autora.....38

Figura 12: Imagem fotografada da obra As Vestes Falantes (2023) l Foto: Gabriela Paludo Sulczinski.....45

Figura 13: Resultado da oficina de frotagem (2022) l Foto: acervo pessoal da autora.....49

Figura 14: Exposição de mandalas (2022) l Foto: acervo pessoal da autora.....53

Figura 15: A expressão dos rostos (2022) l Fonte: produção em oficina.....55

Figura 16. Oficina de artes (2022) l Foto: acervo pessoal da autora.....57

Sumário

Introdução.....11

Capítulo 1. **Arte, Política e Saúde Mental**.....15
1.1 Contexto pandêmico: reflexões políticas de seu tempo.....15
1.2 Uma breve digressão sobre as lutas antimanicomiais no Brasil.....20
1.3 Professora artista e os primeiros passos ingressando como oficineira.....23

Capítulo 2. CAPS AD III – Travessia.....29
2.1 Localizando os caminhos: cartografias do espaço e funcionamento da instituição (PTS, acolhimentos e leitos) 29
2.2 CAPS e a Escola Básica: oficineira de artes X professora de artes.....35
2.3 Arte no contexto da Saúde Mental: arteterapia como dispositivo terapêutico.....40
2.4 Experiências de Oficineira e para além dela: aprendendo a me (re)formar.....46

Considerações finais.....60

Referências.....63

Figura 01. Traçando os caminhos da travessia, Porto Alegre, 2023.

Estou convencido de que nenhuma educação que pretenda estar a serviço da boniteza da presença humana no mundo, a serviço da seriedade da rigorosidade ética, da justiça, da firmeza do caráter, do respeito às diferenças, engajadas na luta pela realização do sonho da solidariedade pode realizar-se ausente da tensa e dramática relação entre autoridade e liberdade (FREIRE, 2000, p. 34).

Introdução

Esta pesquisa parte de reflexões teórico-práticas desenvolvidas a partir de atividades realizadas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)[1], na cidade de Canoas, RS. O trabalho se organiza em primeira pessoa onde narro a experiência que vivi como oficineira de artes trabalhando com usuários[2] em situação de vulnerabilidade em decorrência do uso de drogas. Para esta análise, foi necessário aprofundar saberes relativos ao campo da saúde mental e observar os deslocamentos ocorridos na atuação como oficineira ao adentrar, pela primeira vez, na área da saúde mental. Dessas observações nascem as narrativas. Ou seja, para fins de compreensão deste novo universo de ofício ao qual me inseri, a saúde, apresentarei alguns dos dilemas e desafios que foram revelados ao longo do percurso.

O objetivo deste trabalho consistiu na busca da compreensão destes desafios acima citados relacionados à minha formação como professora de artes de escola. Nesse sentido, a pesquisa define-se na problematização investigativa acerca das distinções entre o papel de professora e o papel de oficineira de artes. Ao longo da monografia, procurei elucidar o contexto ao qual a experiência como oficineira aconteceu, exemplificando os lugares, as reflexões as dúvidas e os questionamentos que o trabalho no CAPS revelou ao longo do processo.

No primeiro capítulo, denominado *Arte, política e saúde mental*, evidenciou-se a conjuntura social e política da COVID-19 a qual foi o cenário que balizou todas as atividades e interações sociais das experiências relatadas. Logo no início, discorro sobre os acontecimentos políticos que afetaram a vida do país nos últimos anos, para revelar as circunstâncias do cenário em que o CAPS e os usuários se encontravam. Em meio à produção textual, trago algumas imagens para colaborar com uma narrativa visual e compor em paralelo às escritas uma relação de visualidade com a experiência vivenciada no CAPS. As imagens não estarão no texto para ilustrarem um

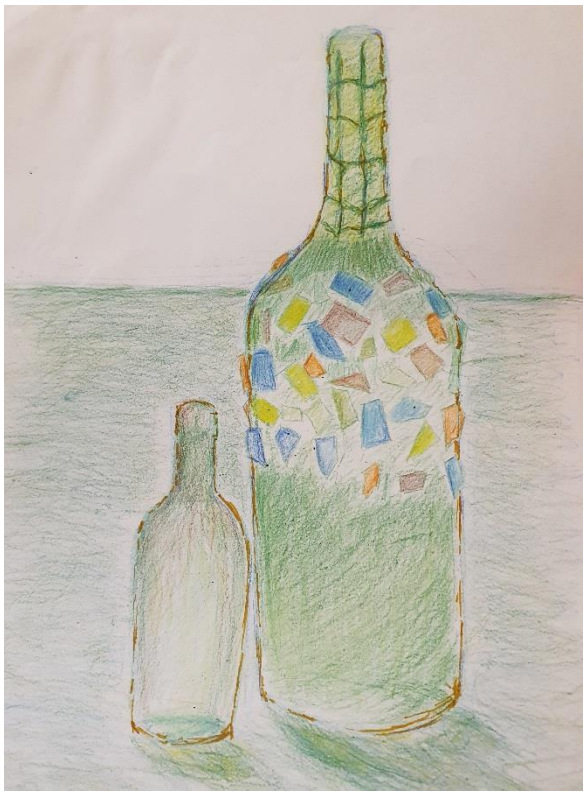
---

[1] Sobre a Instituição CAPS: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/07/crepop_CAPS_web.pdf Último acesso: 18 de novembro e 2022.

[2] O termo usuário muitas vezes é estigmatizado fora do campo da saúde por remeter ao uso das substâncias químicas. Por causa disso existe um debate sobre os termos Usuário, Paciente e Cliente. Dentro do contexto da saúde mental, a palavra usuário acaba sendo o termo mais adequado para a pessoa que utiliza os serviços clínicos ou hospitalares.

pensamento, mas sim para apresentarem ao leitor um pouco das produções artísticas e visuais trabalhadas e relatadas ao longo da monografia.

Figura 02. Objetos cênicos do CAPS, Canoas, 2022.[3]



Em sequência, destacou-se a história das lutas antimanicomiais no Brasil a partir da influência de Franco Basaglia, médico italiano que contribuiu ativamente no movimento contra a violência psiquiátrica e na posterior implementação da Reforma Psiquiátrica no país. Com isso, discorreu-se sobre a implementação de leis para a redução e a extinção dos hospitais psiquiátricos que ocasionaram na gradativa adesão dos espaços clínicos de saúde, como o CAPS. Na continuidade do texto, trago um pouco da minha trajetória pessoal na área das artes e da educação para melhor evidenciar o contexto do qual venho e de minhas outras experiências no âmbito da saúde mental.

No segundo capítulo, dou início à narrativa do espaço do CAPS AD III – Travessia. No subcapítulo *Localizando Caminhos*, destaco a minha entrada

[3] Descrição de imagem: Duas garrafas de coloração esverdeada, com tamanhos distintos, desenhas com lápis de cor. A maior garrafa possui detalhes coloridos da sua metade para cima. Ambas estão vazias, refletindo luz e sombra. Este desenho foi produzido por mim numa das atividades de oficina que participava junto aos usuários.

conturbada na instituição, apresentando a rotina de viagem da cidade de Porto Alegre até Canoas; buscou-se salientar as diversas tarefas que precisei aprender ao longo do processo de inserção neste espaço (PTS, acolhimento, atendimento etc.). Nesse sentido, busquei evidenciar e exemplificar a problemática do uso e da dependência das drogas, em relação com as vidas e situações dos usuários. O impacto dessas experiências no cotidiano do meu trabalho no CAPS fez com que eu passasse a observar a força dessas substâncias nos corpos dos dependentes químicos. Dessa maneira, nas investigações críticas desta pesquisa, fizeram que esse assunto ganhasse um lugar importante, nas discussões. Acredito que ao ver a situação dos usuários, suas reações no momento que eu propunha as práticas e experiências de artes para eles, fui formulando reflexões sobre as distinções das práticas pedagógicas entre ser uma professora de arte e ser uma oficineira de artes. Quais práticas aprendidas na graduação, na licenciatura em artes visuais, na minha atividade com o PIBID e nos estágios, que fariam sentido para os usuários?

Em relação a isso, destacou-se as disparidades entre CAPS e Escola Básica para discernir a realidade de ambos os contextos. Entre sala de aula e oficina, entre currículo escolar e planejamento terapêutico singular, trouxe à tona as distinções de ambas as instituições, para então compreender os propósitos pedagógicos de cada uma delas. Levou-se em consideração as mudanças necessárias para realizar uma nova prática docente e repensar o próprio âmbito da saúde mental. Nesse sentido, percebi os desafios e as diferenças de objetivos fundamentais entre o espaço clínico e o espaço escolar, para buscar outros suportes de atuação docente e, assim, compreender o lugar da arteterapia na reestruturação das proposições pedagógicas.

Dando seguimento ao assunto, discorro sobre a arte no contexto da saúde mental a partir de Nise da Silveira e de sua contribuição à psiquiatria. Trago exemplo de reverberações contemporâneas que se articulam diretamente com a produção de vida e de luta de Nise no tratamento mais humanizado do sujeito, na sua revolta com as práticas de tortura e na sua intensa rebeldia, em defesa dos desfavorecidos. Como pioneira no uso da prática e da expressão artística no tratamento psiquiátrico, sua importância para o que veio a se tornar arteterapia é uma das tônicas indispensáveis da pesquisa para situar este dispositivo terapêutico no campo da saúde mental.

No último subcapítulo é onde a minha experiência como oficineira desdobra-se a partir de um recorte de alguns relatos de narrativas e das interpelações sobre as perturbações emocionais e sociais que o uso das drogas acarreta no dependente.

Desde os primeiros dias no CAPS, das impressões que tive ao começar a conviver com os usuários, até a progressiva transformação metodológica no papel de oficineira, apresento uma análise da minha prática docente e do convívio com as pessoas em dependência química na instituição. Ao longo dessa finalização, expus dúvidas pedagógicas, conflitos de poder e algumas descobertas oportunizadas pelo contato diário com as pessoas em tratamento no CAPS. A controversa questão em relação ao incontrolável desejo pelo uso das drogas e de suas sequelas, assim como do tratamento para a redução dos danos dos usuários, foram os assuntos discorridos a partir da minha própria atividade como oficineira.

Na conclusão escrevo sobre os aprendizados de ordem sensível e relacional viabilizados pelas trocas entre oficineira e usuários. É inevitável falar do caráter afetivo que essas experiências carregam e que fundamentam alguns dos meus ideais, educacionais, artísticos e sociais, para a realização desta monografia. Essas reflexões vêm na finalização desta introdução para que seja mais bem compreendido a minha postura como arte educadora, em cada contexto docente. Estes lugares, em suas particularidades, têm tempo, têm sentimento. As pesquisas, além de trazerem novas perspectivas, se unem a uma motivação, uma causa, um objetivo palpável. Elas também têm desejos próprios, seja em provar uma teoria, apresentar uma descoberta ou mesmo, defender uma ideia. Todo trabalho que realizei no CAPS AD III - Travessia está diretamente imbricado em torno disso.

Capítulo 1. Arte, Política e Saúde Mental

1.1 Contexto pandêmico: reflexões políticas de seu tempo

No final do ano de 2021, quando as vacinas contra o vírus da COVID-19 estavam sendo distribuídas em massa, já na sua fase de segunda dose, coloquei uma meta de encontrar emprego ou estágio na área do educativo para voltar ao mercado de trabalho. Antes do início da pandemia, em 2020, planejava uma viagem pós-universidade. O Coronavírus surgiu no semestre depois da minha diplomação em Artes Visuais - Licenciatura, pela universidade federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O mundo todo começou a mudar suas configurações sociais e políticas de saúde. O medo começou a ser um estado regulador de grande parte da população, e eu fazia parte dessa camada social que temia o seu poder de contaminação e morte. Especialmente o medo de contaminar alguém. Não me atrevia a sair sem todas as recomendações fornecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS)[4]; e, até hoje, não deixo de sair sem uma máscara no meu braço ou mochila. Ao longo de todo o primeiro ano da pandemia, a casa e o mercado foram quase que, em unanimidade, os únicos locais de existência por todo ano de 2020 e princípios de 2021.

Acredito ser necessário – de quase caráter reparador, porém de luto – salientar o que mudou em nós, como sociedade. Não é possível dimensionarmos todas as perdas que tivemos e como elas nos moldaram. Como a dor, os dias e os números foram nos anestesiando, ou nos arrebatando. A sensação de impotência que se criou e se sentiu foi se transformando numa bola de neve sem fim. Como continuar vivendo e produzindo depois de tamanha tragédia? Aos poucos retornou-se uma sensação de "normalidade", muitas vezes camuflando essa perda latente, acarretada pela necessidade de continuarmos (r)existindo. Faço aqui menção às mais de 700 mil mortes por COVID-19, no Brasil. Fazemos pesquisa por elas, por cada pessoa que perdemos pelo vírus e pelo negacionismo causado também por um projeto de morte de um governo fascista. Não posso deixar de falar da história recente de nosso país, nem da sua condição política. Somos aqui pesquisadores, contadores de histórias, sujeitos de tempos custosos, de humanidades partidas. Somos aqueles que, por enquanto, ficam com as lembranças. E, com elas, podemos buscar honrá-las em

[4] Para maiores informações, site oficial da OMS: https://www.who.int/pt Último Acesso em: 18 de novembro de 2022.

respeito. Falar de saúde mental, nesta pesquisa, é também reconhecer a nossa realidade, seja ela próxima ou distante do campo clínico de atuação.

Foi no meio deste contexto de pandemia, mais próximo de sua atenuação por conta das vacinações, que atuei dentro do CAPS AD III – Travessia, como Oficineira de artes. Acredito ser importante evidenciar a temporalidade deste trabalho pois todos os protocolos de saúde, de interação social, de organização institucional foram balizados dentro desta conjuntura. Em todo o meu tempo de CAPS utilizei irrestritamente a máscara Pff2 para interagir e trabalhar com os colegas e usuários do local. De lá para cá – no caso, para os tempos da escrita desta monografia –, o uso do álcool gel, o distanciamento entre as pessoas e a própria máscara caíram em desuso. Ao longo do texto, por mais que não esteja exemplificado na descrição de todos os acontecimentos da narrativa, considero essencial a percepção categórica, de uma ótica situacional, a partir destes elementos pandêmicos. Ou seja, que essa leitura seja atravessada pelos componentes característicos que objetivamente fizeram parte de seu tempo: a insegurança da contaminação, os números exorbitantes de óbitos, a tristeza avassaladora. Da mesma forma, as diversas mudanças de rotina: compras de supermercado lavadas com sabão na pia, atividades e interações sociais reduzidas ao ambiente virtual; o medo ao ouvir alguém tossir ou espirrar, os desconfortos ao enxergar máscaras abaixo do nariz, a desinformação pairando no ar, assim como as diferenças de prevenção entre as pessoas. Sobre a pandemia, o CAPS e os processos de reflexão destes contextos, creio que a condução deste texto encontra seus sentidos mais palpáveis se direcionamos nosso olhar diante da iminência destes acontecimentos, das experiências que nortearam essas vivências coletivas e que, queiramos ou não, acarretaram marcas profundas e transformações irreversíveis na maneira como conduzimos a vida em sociedade.

Tanto o meu trabalho de conclusão de graduação como a minha atuação no CAPS ocorreu no governo do inominável. Felizmente, depois de seis anos do Golpe[5], em 2016, e da necropolítica realizada pelo genocida, foi possível vencer o ódio nas urnas eletrônicas. 2023, o ano de finalização desta pesquisa, apresenta perspectivas mais esperançosas para o povo brasileiro. Há um longo caminho pela frente pois

[5] Poder-se-ia, porém, identificar o golpismo em andamento desde o ano de 2013. Sabrina Fernandes, socióloga, professora e militante marxista aborda sobre esse assunto com melhor embasamento teórico dentro do seu canal, Tese Onze. Disponível em: https://youtu.be/-XDf66EOe7A Último acesso em: 18 de novembro de 2022.

sempre vivemos na instabilidade de nossos direitos – adquiridos com muita dor e suor pelos que vieram antes de nós. A luta em defesa do ensino de arte no Brasil e da luta antimanicomial na clínica de saúde já possuem um longo percurso. Como professora de artes, formada para atuar na escola básica, penso quais seriam as novas configurações sociais que estão se formando em nosso país.

Quando comecei esta monografia, a pressão dos acontecimentos políticos estava mais que presentes no cotidiano pela incerteza dos tempos futuros. O caráter de desalento nos seis anos de desgoverno e a tensão da época de eleições pautou profundamente as primeiras reflexões acerca do contexto desta pesquisa. No campo da educação, a exemplo dos retrocessos desse tempo, temos os próprios desmantelamentos ocorridos na UFPEL[6]. É inevitável falar sobre a postura como educadora, e como artista, que busco na minha prática diária. Falar e pesquisar sobre sociedade, sobre suas relações de poder, sobre as desigualdades de classe, raça e gênero[7] é, para mim, uma necessidade conceitual para proceder com a própria realidade. Seja na arte, na educação, na saúde ou na política – enfim, no campo que for –, estas questões são presentes nas estruturas vigentes e na concepção ontológica este trabalho.

Nesse sentido, não é possível desconsiderar que a grande maioria dos usuários do CAPS que trabalhei eram negros e de baixa renda. As mulheres, por sua vez, compunham o número maior de profissionais da saúde no local. Em contrapartida, os homens detinham os cargos de melhor remuneração (médico ou coordenador). Toda a desigualdade, dificuldade e desafios localizados neste espaço se entrecruzam pelas estruturas de poder que edificam todas as conformações sociais em que nos encontramos.

O objetivo não é aprofundar de forma minuciosa a temática das explorações materiais e simbólicas do ser humano pelo outro, porém ter em consideração que elas fundamentalmente constituem a base de nossas relações e das instituições humanas nas quais estamos inseridos. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, ao falar

---

[6] O governo do inominável, após perder as eleições de 2022, cortou verbas da educação da Universidade de Pelotas e de outras instituições educacionais. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/superavit/2022/11/30/governo-faz-novo-corte-de-verbas-da-educacao/ Último acesso em: 03 de maio de 2023.

[7] Em “Mulheres, Raça e Classe”, a autora estadunidense Angela Davis aborda sobre as nuances das opressões e a importância de compreender os sistemas de controle e dominação ao qual estamos inseridos para se pensar (e praticar) um novo modelo de sociedade. Sua abordagem é uma de minhas inspirações e bases de estudo para refletir e compreender as intersecções entre as diversas formas de opressão.

sobre clínica psicossocial ou sobre a escola, esses assuntos – ainda que diluídos – definem a *dialética* (MARX, 2013) que movimenta a realidade e que busco evidenciar nas relações que estabeleço como pesquisadora, assim como na compreensão das relações humanas que o mundo se encontra. A prática relacional e pedagógica defendida neste trabalho se consolidam, inspiradas em Paulo Freire (2004) e Antonio Gramsci (2002), na concepção de educação como um ato político.

Ao compreendermos que a educação delineia um projeto de sociedade, ela pode ser pensada como instrumento de dominação ou como estratégia de libertação por parte dos educadores e educandos/atores envolvidos. Da mesma forma, no que diz respeito ao atendimento à saúde mental a partir de processos de criação artística, pode-se pensar as oficinas terapêuticas como um espaço de produção propício a quebrar com estruturas verticais de uma herança manicomial e que ainda se vislumbram no tratamento clínico.

Figura 03. Viver é desenhar sem borracha, Canoas, 2022.[8]

[8] Descrição da imagem: desenho a lápis de um olho lacrimejando. Abaixo está a frase: viver é desenhar sem borracha. Este desenho foi produzido por um dos usuários em internação pelo CAPS. Todas as imagens da instituição CAPS foram devidamente autorizadas pela coordenadora do Centro Psicossocial. O uso de imagens produzidas pelos usuários foram consentidas para a realização desta pesquisa.

No caso desta pesquisa, procuro respaldo para minha própria escrita e atuação docente a partir de uma filosofia da educação desenvolvida por Freire (2005): quando escrevo e penso sobre práticas da liberdade (individual e coletiva) numa sociedade livre, tenho como alicerce os princípios trabalhados pelo educador em seus livros e em sua atuação professoral. Sua pedagogia defende a relação dialógica e ação conjunta entre educador e educando. O autor oferece uma perspectiva humanizadora e crítica na relação entre docentes e discentes. O ato de ensinar e o de aprender operam concomitantemente em correspondência. Para Freire, “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de um objeto, um do outro” (FREIRE, 2004 p.23). Da mesma forma, ao falar de educação, Freire a define como:

> Aquela que tem de ser forjada com ele [o oprimido] e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 2016, p. 34)

Porém, como pensar essa prática, teorizada por Freire, no campo da experiência clínica? Como trazer a reflexão sobre si, sobre a alienação que envolve os sistemas sociais, políticos e econômicos no âmago das instituições humanas? Essas questões estarão evidenciadas ao longo do texto para o debate das diferenças do exercício profissional encontradas entre os campos da educação e da saúde. No segundo capítulo, trarei alguns dos dilemas que se apresentaram na minha atividade como oficineira de artes – formada para atuar com crianças e adolescentes; o choque de realidade ao trabalhar com jovens, adultos e idosos com impedimentos cognitivos em decorrência das drogas. Todas as reflexões acerca da aprendizagem, da consciência política e dos interesses da classe trabalhadora entraram em colisão aos problemas práticos que pude vivenciar e perceber ao entrar em contato com essas e outras realidades, fora do espaço escolar.

O trabalho que realizei no CAPS AD III - Travessia está imbricado em torno destes contextos. Pessoalmente, não consigo separar a prática da liberdade, teorizada por Freire, com a realidade concreta em que vivo e a qual vivenciei como oficineira. No caso, a liberdade no espaço clínico numa perspectiva não acomodada, as vezes difícil e contraditória (como veremos nos exemplos a posteriori de atendimento de usuários complicados), porém não ajustada a posições de opressão

e sim transformadoras de si. Ou seja, educando-se na ação do exercício docente e aprendendo conjuntamente com aqueles que me relaciono. Nas palavras de Freire:

> Não há, porém, humanização na opressão, assim como não pode haver desumanização na verdadeira libertação. Mas, por outro lado, a libertação não se dá dentro da consciência dos homens, isolada do mundo, senão na práxis dos homens dentro da história que, implicando na relação consciência-mundo, envolve a consciência crítica desta relação (FREIRE, 1981. p. 79-80).

Essa liberdade se relaciona à realidade agressiva em que estamos inseridos, com as implicações políticas e ideológicas duma prática coletiva. Para mim, é também uma atividade incessante de exercer aquilo que defendo, em teoria, na prática laboral do cotidiano. A expressão textual deste trabalho está diretamente ligada às minhas indignações com as dores do mundo. Como professora, e atuando como oficineira de arte num CAPS com enfoque em usuários em situação de drogas, é impossível não politizar. É impossível, também, não sonhar, cantar ou cuidar. Acho importante tensionar esses assombros e desejos porque ambos me movem. A prática docente, seja no contexto que for, faz-se nessa dialética entre o que nos esmorece, devora, e, em maior grau, no impulso e vitalidade daquilo que nos subleva.

1.2 Uma breve digressão sobre as lutas antimanicomiais no Brasil

Sobre os espaços institucionais da Clínica Psicossocial, é necessário lembrar brevemente que a reforma na área da saúde mental surgiu com grande peso no mundo a partir dos movimentos sociais e políticos da década de 60, em sua maioria ocorridos na Itália, promovendo uma ruptura epistemológica entre o saber e a prática psiquiátrica[9]. A história desses movimentos internacionais relaciona-se diretamente com a história de um médico italiano: Franco Basaglia (1924-1980), psiquiatra e ex-professor universitário responsável por grande parte das transformações éticas e políticas nos modos de tratamento da saúde mental. Basaglia, crítico ferrenho das estruturas de opressão na área da saúde, liderou o movimento Psiquiatria Democrática, na Itália, e com ele avançou o debate sobre a desinstitucionalização dos

[9] No site da Universidade Federal de Ouro Preto, eles apresentam um pequeno esquema sobre a História da Reforma Psiquiátrica e Políticas Públicas de Saúde Mental. Disponível em: https://saudemental.ufop.br/reforma-psiquiatrica-e-politicas-publicas Último Acesso: 04 de maio de 2023.

hospitais, sendo oposição ao caráter excludente e de domínio exclusivo sobre o tratamento dos pacientes e usuários nestes estabelecimentos.

> Basaglia ficou conhecido pelas mudanças promovidas no Hospital Psiquiátrico de Gorizia e, posteriormente, por seu trabalho em Trieste (referência em saúde mental), onde deu início a um processo de desativação do hospital psiquiátrico e reinserção dos internos na sociedade, criando como proposta alternativa aos manicômios os centros de saúde comunitários. [...] Um dos conceitos centrais na obra de Basaglia é o de *desinstitucionalização*, que não se restringe ao fechamento dos hospitais ou à ausência das instituições manicomiais, mas se refere a uma ruptura com o modelo de assistência psiquiátrica vigente que não estava tratando e, sim, excluindo e segregando. Trata-se de um processo maior do que o nome pode equivocadamente sugerir. (GUIMARÃES JUNQUEIRA, Anamélia. CRISTINA CARNIEL, Isabel, 2012, p. 14)

Figura 04. Grupo de Sentimentos, Canoas, 2022.[10]

Franco Basaglia, em suas colocações, sugeria que a loucura e seu tratamento deveriam ser tratados no meio social, ou seja, de responsabilidade não apenas dos

[10] Descrição da imagem: cinco pessoas em volta de uma roda improvisada e a céu aberto. Nota-se o uso de máscara e o distanciamento social. Fotografia mostra um dia ensolarado, num espaço arborizado e tranquilo. Esta era a área dos fundos do CAPS AD III – Travessia, onde se encontrava a horta, próxima à sala de oficina. Imagem do acervo da pesquisadora.

profissionais da saúdem mental, mas da própria sociedade. Ele enxergava os manicômios como espaços de promoção às desigualdades, opressões e intolerância com o diferente. Ele também compreendia que outras instituições da área da saúde fomentavam formas de aprisionamento do sujeito como a indústria farmacêutica, o uso exacerbado de medicamentos, a falta de diálogo com os pacientes e diagnósticos negligentes.

Em relação ao Brasil, o Ministério da Saúde, em documento governamental, reconhece o ano de 1978 como o início do processo da Reforma Psiquiátrica brasileira. O movimento antimanicomial e a própria reforma psiquiátrica foram de grande importância para tratar em liberdade o sofrimento dos usuários, garantindo assim seus direitos civis para uma vida mais plena. Tendo forte influência e respaldo do trabalho de Basaglia, que vinha frequentemente para o Brasil fazer palestras sobre direitos humanos no campo da saúde, as pessoas do Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) conseguiram realizar avanços significativos nos processos antimanicomiais no país. Ao longo das décadas seguintes, impulsionados pela Constituição de 1988 e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), o debate no campo político sobre a psiquiatria foi ganhando mais espaço.

No ano de 1989, foi apresentado um projeto de Lei que tratava a questão da Reforma Psiquiátrica. O Deputado Paulo Delgado, vinculado ao Partido dos Trabalhadores pelo estado de Minas Gerais, propôs a Lei n. 3657/1989, em que defendia a "[...] extinção progressiva dos manicômios e sua substituição por outros recursos assistenciais e regulamenta a internação psiquiátrica compulsória" (Brasil, 1989). Fortemente inspirada na Lei 180, na Itália (chamada também de Lei Basaglia), que conseguiu extinguir os hospitais naquele país, Delgado propunha semelhante reforma no Brasil, porém não obteve suficiente adesão no Congresso Nacional.

Felizmente no ano de 2001, Paulo Delgado, novamente como deputado federal (PT), conseguiu a implementação da nova Lei nº 10.216[11], criada por ele. Com ela, "Instituiu um novo modelo de tratamento aos portadores de transtornos mentais no Brasil (…), privilegiando o oferecimento de tratamento em serviços de base comunitária"[12]. Ou seja, a proteção dos pacientes a partir da obsolescência

---

[11] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm#:~:text=LEI%20No%2010.216%2C%20DE,modelo%20assistencial%20em%20sa%C3%BAde%20mental Último Acesso: 04 de maio de 2023.

[12] Informações retiradas do site do Ministério da Saúde. É importante frisar que o movimento antimanicomial está ligado à reforma sanitária brasileira, que resultou na criação do Sistema Único de

progressiva dos hospitais psiquiátricos, assim como a criação de outras práticas assistenciais em substituição ao modelo hospitalocêntrico de tratamento. Para mim, é indispensável conhecer e narrar um pouco dessa história que trouxe o crescimento dos espaços clínicos de saúde mental, entendendo a insistente luta para que eles pudessem existir, e resistir, até hoje. Foi a partir dessas conquistas, e num contexto muito diferente da estrutura manicomial, que pude me inserir num outro espaço de trabalho e de atendimento mais humanizado.

É importante, antes de narrar a minha atuação na área da saúde mental, levar em consideração essa trajetória de luta que continua presente e que precisa ser defendida para continuar em vigor. Os tempos políticos em que trabalhei eram de incertezas; incerteza sobre nossos direitos na saúde, na arte e na educação, e que estavam sendo ameaçados. Escrever sobre tudo isso sem esse peso especificamente, sem o medo de quatro anos mais de uma política despolitizada e violenta, é um pouco mais prazeroso, ainda que a vigilância permaneça. No decorrer da monografia, farei uma explanação mais detalhada sobre a instituição CAPS, pincelando sobre este contexto para compreender o espaço clínico em relação ao seu serviço de caráter aberto e comunitário – que se contrapõe ao modelo manicomial. Nestes estabelecimentos como o que trabalhei, existe uma equipe multiprofissional, com diferentes intervenções e estratégias de acolhimento. Como oficineira, discorrerei sobre os diversos papéis que me eram atribuídos.

1.3 Professora artista e os primeiros passos ingressando como oficineira

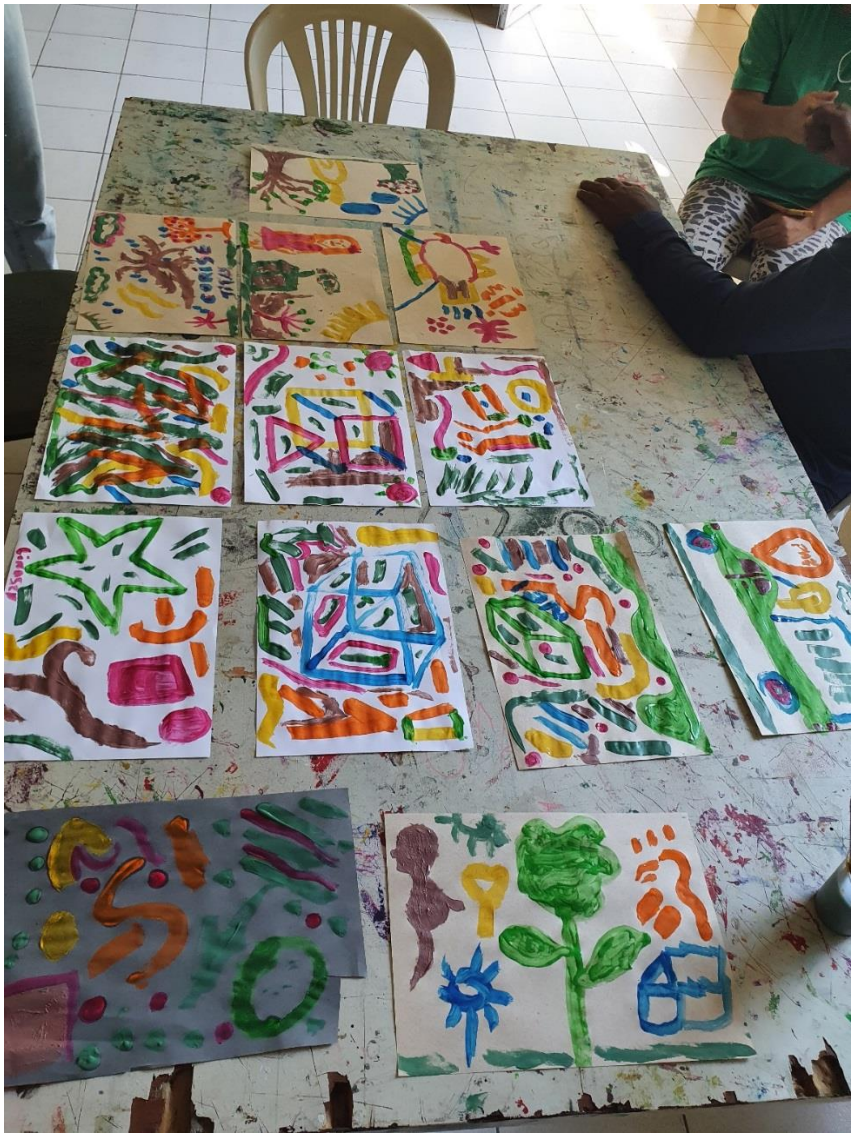
Situando resumidamente a minha experiência na área das artes e da educação, o contato que tive com elas ocorreu desde cedo, como provavelmente acontece para a maioria dos que continuam no desafio de se trabalhar com elas. Nas artes, cantar, dançar e desenhar foram atividades muito estimuladas enquanto ainda criança; talvez por isso elas se tornaram tão imperativas na minha relação com o mundo. Não há um dia sequer que não cante ou desenhe ou consuma o artístico com deleite. Tive a sorte de desenvolver desde cedo algumas competências artísticas, propiciando assim condições favoráveis para trabalhar profissionalmente com elas. Estive em escolas e

---

Saúde (SUS), disponível em: http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2012/18_mai_luta_antimanicomial.html Últimos acesso: 18 de novembro de 2022.

companhias de dança, como a Porto Alegre companhia de Dança[13] e a Mimese Cia de Dança-coisa[14], participando de espetáculos e festivais. Com a música, tive formação musical a partir do piano e mais tarde com o canto, participando de corais amadores; atualmente atuo como soprano no coro da OSPA[15]. Acho importante ressaltar que, enquanto estava trabalhando no CAPS, as áreas da música e das artes visuais foram as principais expressões artísticas realizadas nas atividades das oficinas.

Figura 05. Oficina de Pintura, Canoas, 2022[16]



[13] Disponível em: https://poaciadanca.com.br/ Último acesso: 16 de maio de 2023.
[14] Disponível em: http://lupaludomimese.blogspot.com/ Último acesso: 16 de maio de 2023.
[15] Coro Sinfônico de Porto Alegre. Disponível em: https://www.ospa.org.br/coro-sinfonico/cantores/ Último acesso: 16 de maio de 2023.
[16] Descrição da imagem: treze desenhos coloridos sobre papel A4 estão colocados numa mesa retangular. Percebe-se várias figuras como casa, árvore, quadrados, triângulos, estrela, pontos e linhas de diversas cores, compondo a atividade realizada em oficina. Foto tirada pela pesquisadora.

No caso da educação, a minha necessidade sempre pulsou a partir de um desejo de transformação social em relação às dores da marginalização, das opressões e da violência. Como criança, mesmo não compreendendo os reais motivos com clareza, observar o bullying, a pobreza e a indiferença me causavam sentimentos de grande tristeza. Aos poucos, estudando e convivendo com mais realidades distintas da minha, essas dores puderam ser elaboradas num desejo de mudança concreta.

O sentimento de impotência, de que somos apenas um só para conseguir mudar a realidade, é algo que nos acomete com frequência. Por mais humilde e necessário que seja esse pensamento, ele parte da premissa que lutamos sozinhos. Convenientemente, essa é uma visão que corrobora para a manutenção das estruturas individualizantes, especialmente para a subsistência da sociedade neoliberal. Na universidade, conhecendo autores revolucionários, pessoas ao longo da vida, escutando e trocando saberes, esse sentimento deixou de ser percebido como imobilidade para ser compreendido em força coletiva. A revolta pelas dores do mundo, por mais paralisantes que fossem, ganharam perspectiva de enfrentamento ao conhecer a história de luta de tantas pessoas, de tanta gente que veio antes de mim, de nós, e que oportunizaram os direitos e liberdades que agora usufruímos. A educação me move nesse sentido, no desejo de trazer essa consciência coletiva, de responsabilidade interdependente entre pessoas. Ela parte de uma crença e de um anseio de mundo em que prevaleça o bem estar de todos. Esses ideais são fundamentais na minha prática pedagógica. E a arte, que possibilita tantos caminhos, o viés escolhido para manifestar tais urgências, naquilo que urge sair de dentro de nós como expressão de si ou do mundo: paixão, raiva, dores, esperanças, desejo, dúvida, loucura. Enfim, como educadora, esse é o caminho que escolhi para educar.

Defino-me como professora artista porque a minha prática na arte e no ensino de arte dialogam entre si. Pessoalmente, gosto e me reconheço nestas duas palavras apesar das práticas de cada uma se diferenciarem; uma se faz com a outra na medida em que busco aprender ensinando como professora e ser ensinada por quem estou em relação. Quando me assumo professora artista, defendo também uma abordagem específica da arte e da educação. Para a minha atividade profissional, tenho como referência pessoas de diversos lugares para compor a minha prática. Para esta monografia, escolhi fazer um recorte em Paulo Freire e posteriormente em Nise da Silveira pois eles dialogam com uma presença de mundo que me é cara. Nesse

sentido, a presença deles neste trabalho é fundamental para revelar e amparar as ideias e ideais que procuro exercer.

Como artista, me reconheço no lugar de produção mas também de aprendiz. Ainda que reivindico o termo artista – ao qual muitos, assim como eu, tem receio de se autodenominarem[17] –, vejo esse conceito fora de uma perspectiva em estanque. Longe de uma concepção presunçosa acerca do termo, da 'pessoa artista' como um ser inalcançável, 'o diferente', inabalável e detentor de um saber inacessível e vanguardista, tenho como predileção uma postura ordinária para com esse lugar a qual me identifico. Nesse sentido, acredito na arte como lugar ao qual almejo o comum: comum a mim, possível a todos, sendo um espaço de acolhimento a quem se apresente. Não me interessa a exaltação da arte em sua maestria. A busca por um crescimento de aptidão envolve uma escolha objetiva, seja pelo desenvolvimento da competência ou por exigências da profissão. Em contrapartida, a existência da arte preenche cada ser humano em suas infinitas dimensões subjetivas e perceptivas. Por isso a considero pertencente em todo e qualquer ser que se permita usufruir de suas manifestações. Me afirmar artista é também defender uma relação com a arte que busque criar pontes de conexão e interação, assim como possibilidades de encontros múltiplos entre os sujeitos envolvidos.

Estes dois conceitos, arte e educação, foram colocados em xeque na minha atividade docente ao adentrar o espaço clínico. Na universidade, quando fui aluna da graduação em licenciatura na UFRGS, atuei como 'pibidiana'[18] por dois anos e meio, como monitora por um ano e meio e estagiária docente por um ano. Paralelamente, dei aulas de ballet para meus colegas em ambas as companhias de dança que atuei. No trabalho de conclusão de curso (TCC), apresento um pouco dos dilemas desses papéis simultâneos de aluna e de professora e das demais questões sobre essa figura docente a qual começava a me descobrir e me instrumentalizar. No contexto do CAPS,

---

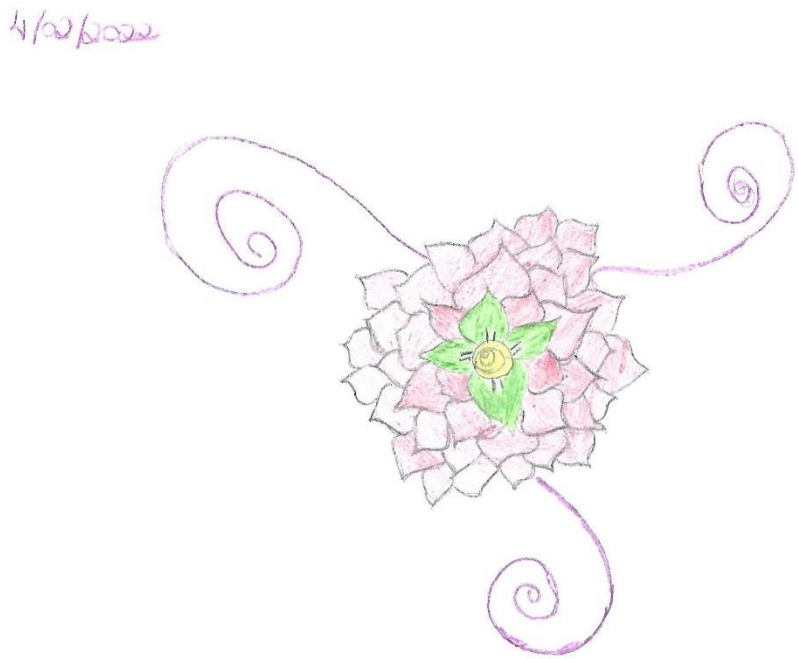
[17] Afirmo essa constatação pois conheci uma variedade de relatos de pessoas que não se identificam com o termo artista, ainda que por motivos diversos. Já ouvi e li de pessoas que acham que não são boas o suficiente para serem artistas, outros tem aversão pelo mercado da arte e outros simplesmente encontraram mais sentido em termos mais específicos como pintor, cantor, escritor etc.

[18] Fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) entre os anos de 2013 e 2016. Na época, este projeto estava sob a Lei no 9.394/1996, a Lei no 12.796/2013 e o Decreto no 7.219/2010. O programa oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. Disponível em: https://www.capes.gov.br/pt/educacao-basica/capespibid/pibid Último acesso: 07 de maio de 2023.

onde esses papéis já tinham sido mais bem incorporados, apareceu uma nova atribuição a ser elaborada: o papel de oficineira de artes.

Foram inúmeras as diferenças em termos de abordagem, de objetivos e de relações entre o espaço escolar e o da saúde psicossocial. No último capítulo, essas questões sobre diferenças entre ambos os campos de atuação estarão melhor abordadas: dos conflitos vividos sobre meu papel no espaço do CAPS à progressiva compreensão das possibilidades como oficineira a partir das práticas terapêuticas (mais especificamente da arteterapia), o intuito desta monografia atravessa o debate destes espaços para encontrar seus pontos de convergência, de tensão e de aprendizagem mútuas. Os sujeitos desta pesquisa também são os de minha atuação docente: o aluno e o usuário. É com eles que busco repensar as práticas pedagógicas e desenvolver um trabalho mais condizente às suas realidades.

Figura 06. Flor de mandala, Canoas, 2022[19]



Adentrar no espaço da saúde mental como oficineira foi um desafio que rapidamente se tornou familiar. O interesse pela área da saúde mental sempre esteve presente em mim ao ponto de ler livros como de Walter Riso e Contardo Calligaris.

[19] Descrição da imagem: desenho feito a lápis de uma flor com várias camadas de pétalas cor-de-rosa. No seu interior, o centro é marcado por quatro ramos verdes conectados ao óvulo da planta. Três linhas rosadas saem espiralando por detrás de suas pétalas. Este trabalho foi produzido por uma das usuárias em convivência.

Em 2019 (na UFRGS), cursei como aluna extracurricular da psicologia a disciplina *Acompanhamento Terapêutico*. Com alunos do quinto semestre da graduação, pude ouvir relatos sobre o tratamento de pacientes, na sua maioria em casos de esquizofrenia, que possuíam dificuldade de socialização. Participei de atividades engajantes e de conversas acaloradas dentro e fora de sala de aula. Busquei também colaborar com minhas experiências artísticas e pedagógicas. Foi uma disciplina enriquecedora, com proposições e conhecimentos que contribuíram para a minha formação acadêmica. Estes outros espaços de troca, de saberes e de atuação são de interesse para o meu crescimento pedagógico. Não basta conhecer em teoria o que procuro aprofundar; acredito que estar em outros campos laborais nos permite assumir o nosso lugar de aprendiz, colocando-nos frente a outros conhecimentos e reconhecendo-os em nós como saberes a serem lapidados. Ainda assim, compreendendo que a acessibilidade pode ser um primeiro caminho ao encontro da instrução e capacitação profissional.

No CAPS, por mais distinto que o ambiente escolar fosse do espaço da saúde psicossocial, a relação entre mim e os usuários era vivenciada de forma semelhante. A grande maioria me chamava muitas vezes de professora, outros preferiam usar o meu nome, mas as trocas em oficina sempre possuíam um caráter relativo à escola. Conviver e trabalhar com usuários de drogas, num primeiro momento, pode ser intimidador. Muitas vezes excluídos da sociedade, todos que trabalhei possuíam peculiares histórias de vida: alguns praticantes de ilegalidades, outros com pouco tato social, porém, a esmagadora maioria com grandes sequelas acarretadas pelo uso excessivo das drogas. É impactante presenciar de perto a batalha que acontece entre eles e seus corpos; todas estas questões ultrapassam o meu relato. Diante disso, tenho como objetivo desenvolver um pouco sobre suas vivências, assim como seus processos de luta, apresentando outros contextos pedagógicos a partir da terapia, pouco explorados na minha licenciatura. Ao trazer essa temática com base na minha experiência de oficineira de artes, pretendo fomentar os debates acerca da sociedade em uma perspectiva ético-crítica[20].

[20] Uso-me deste conceito, pensado a partir de Paulo Freire, para defender uma prática, a partir da educação, em que se pense na formação ética e estética do ser humano. Que oportunize a reflexão crítica como atividade socializante. No caso da monografia, esta perspectiva conduz o modus operandi e a problematização das estruturas sociais e políticas na área da arte, da educação e da própria saúde mental.

Capítulo 2. Caps AD III - Travessia

2.1 Localizando os Caminhos: cartografias do espaço e funcionamento da instituição (PTS, acolhimentos e leitos)

Iniciei o ano de 2022, já com três doses da vacina Pfizer, sendo contratada como Oficineira de Artes pela IBSAÚDE[21], empresa na época terceirizada pela UPA[22] na contratação dos CAPS de Canoas. Para minha contratação no CAPS, realizada no dia 28 de janeiro de 2022, na avenida Boqueirão de Canoas, o protocolo exigia exames de admissão na saúde – exame de sangue, avaliação psicotécnica –, o que era algo novo para mim. É preciso ressaltar que os CAPS em Canoas estavam tendo uma mudança de pessoal, uma transição de funcionários e profissionais da saúde e da assistência social. Havia sido descoberto um escândalo de corrupção e lavagem de dinheiro pela empresa anterior à IBSAÚDE, também terceirizada pela UPA.

Figura 07. Entrada do Travessia, Canoas, 2022.[23]

[21] IBSAÚDE é uma Associação Civil de Direito Privado que presta serviço junto à hospitais, unidades de saúde e instituições públicas e privadas. Disponível em: http://www.ibsaude.org.br/ Último Acesso: 05 de maio de 2023.
[22] Sigla para Unidade de Pronto Atendimento. As UPAs funcionam 24h por dia, sete dias por semana. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/u/upa-24h Último Acesso: 05 de maio de 2023.
[23] Descrição da imagem: uma casa verde-musgo e um cartaz escrito CAPS Travessia: centro de atenção psicossocial. Os logos do SUS, da IBSAÚDE e da Prefeitura de Canoas estão à mostra. As janelas possuem grades de cor branca e pode-se notar uma entrada por trás do cartaz anunciando o local. Este é um registro recortado da frente da instituição.

Muitos dos profissionais que estavam ali antes, sem nenhum envolvimento com o escândalo, acabaram sendo demitidos em meio a essa transição, e outros saíram por causa da diminuição considerável dos salários de várias áreas profissionais (enquanto outras, que já ganhavam salário maior, aumentaram). O próprio oficineiro anterior a mim saiu por causa do salário que foi reduzido. Outros decidiram continuar. Quando entrei, era perceptível que a transição não havia sido boa. Foi pesada e triste para os profissionais que permaneceram, mas especialmente para os usuários que ali frequentavam. Nestes espaços de cuidado e tratamento psicossocial, criam-se vínculos entre os trabalhadores e as pessoas que usufruem do lugar. A saída de tanta gente que já conhecia as histórias destes usuários – seus problemas pessoais, seus históricos com as drogas, assim como seus sonhos e metas – acabou sendo uma grande perda para eles. Até criarem-se outros vínculos com os usuários existiu ali um vazio.

Há um lema no capitalismo e no corporativismo que diz “ninguém é insubstituível”. Eu não concordo de maneira alguma quando isso envolve afeto, mesmo que em nível profissional. Ainda que eu tenha substituído uma pessoa no cargo que trabalhei no CAPS e essa pessoa substituído outra antes dela, quem convive em espaços de vínculo emocional não pode dimensionar as relações em um nível utilitarista. Como professora, minha formação na educação traçou caminhos com minha filosofia de existência. E, seja no papel de oficineira em CAPS ou de arte-educadora no espaço escolar, reconhecer o que é estar ensinando e convivendo com pessoas é também um ato político de humanização pedagógica. Ou seja, ensinar (no meu caso a arte) e estar nestes espaços de trabalho, não se configura numa atividade desprovida de afeto. Como Freire assinala, não transmitimos conhecimento, não estamos ali para passar ideias estancadas. Estamos ali para auxiliar, a partir da nossa área, saberes humanos. Gosto de pensar que toda ciência é humana. E, por mais que uma aula exige especificidades conceituais, aprofundamentos teóricos e práticos de determinados campos de conhecimento, ela se faz entre pessoas. Ali, elas existem a partir desse espaço de interação, que é a troca entre profissional e aluno (no caso do CAPS, entre oficineiro e usuário).

Um dos grandes desafios ao entrar neste lugar de oficineira foi compreender também um novo espaço geográfico de atuação. Como moradora de Porto Alegre, o trânsito de locomoção para o trabalho em Canoas foi uma emocionante mudança. Esses deslocamentos de uma cidade para outra já eram familiares em mim, por outras

vivências e atuações distantes de onde morava. A questão central era compreender um pouco melhor este município da região metropolitana de Porto Alegre. Quando entrei no CAPS, aos poucos fui sendo instruída por colegas mais antigos e atuantes do local que começava a adentrar. Demorou alguns dias, mas o mapa geográfico dessa travessia começou a ganhar forma. Em reuniões de equipe, por ser da parte artística, a coordenadora pediu um desenho da divisão dos distritos da cidade. O desenho ficou com o CAPS, mas abaixo deixo um mapa onde me inspirei a produzir.

Como se pode notar na figura 08 há cinco distritos em Canoas. No caso dos CAPS, eles estão organizados por territórios conforme o bairro de moradia dos usuários. Assim como cinco distritos, existem cinco CAPS vinculados à prefeitura de Canoas na cidade. Cada um deles tem a sua especificidade dentro do tratamento de saúde mental. Por exemplo, o CAPS I Arco-íris, situado no Centro de Canoas, tem atendimento específico para o público infanto juvenil em questões de saúde mental. E no caso do CAPS AD III - Travessia, onde trabalhei, o serviço era no tratamento de dependência química. Ou seja, focado no atendimento psicossocial de pessoas em situação de drogas. Em relação aos CAPS, como pode ser verificado no site do Ministério da Saúde[24], eles são subdivididos em modalidades distintas. No caso do CAPS Travessia[25], sua classificação *AD* é na designação de usuários de Álcool e Drogas. E a modalidade AD III se refere ao "atendimento com 8 a 12 vagas de acolhimento noturno e observação: funcionamento 24h; todas as faixas etárias; transtornos pelo uso de álcool e outras drogas; atendendo cidades ou regiões com pelo menos 150 mil habitantes"[26].

---

[24] Acesso às informações sobre o CAPS no site do Ministério da Saúde: https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/caps Último acesso: 18 de novembro de 2022.
[25] A sigla CAPS AD III - Travessia estará abreviada às vezes como Caps, em minúsculo ou maiúsculo, e outras vezes como Travessia.
[26] Site do Governo Federal. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/caps Último acesso: 18 de novembro de 2022.

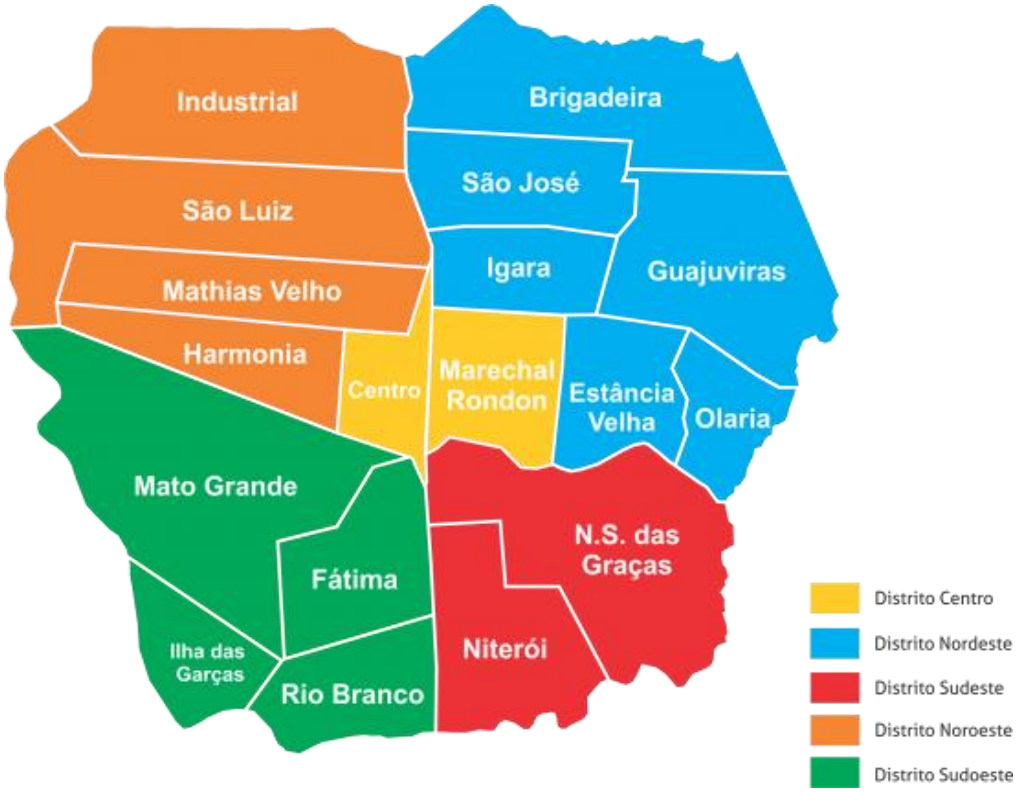


Figura 08. Distritos de Canoas, 2022.[27]

O CAPS Travessia se localiza no Bairro Mathias Velho (Distrito Nordeste, como indica na região laranja do mapa), região estratégica para o acolhimento da grande maioria dos usuários. É o distrito de maior concentração de tráfico de drogas e violência da cidade, e o próprio Mathias Velho fica ao lado do Distrito Centro de Canoas, onde os meios de transporte como Trensurb[28] e ônibus fazem suas conexões. Dessa forma, os usuários surgem de várias regiões da cidade, mesmo que o maior número ainda seja do bairro da Mathias (como era chamado coloquialmente por todos do CAPS).

No caso do Travessia, a instituição fica localizada na Rua Sepé Tiaraju,116, nome em homenagem a um grande guerreiro indígena da etnia Guarani. Considerado “Herói Guarani Missioneiro Rio-grandense” por lei, Sepé Tiaraju nasceu na cidade de São Luiz Gonzaga (RS), local onde morei a minha infância inteira. Ele liderou uma rebelião contra o Tratado de Madrid, resistindo aos ataques de militares portugueses e espanhóis do período colonial. A história desse chefe indígena, e de toda sua luta

[27] Descrição da imagem: Desenho dos cinco distritos de canoas. Cada região é marcada por uma cor: centro/amarelo, nordeste/azul, sudeste/vermelho, nordeste/laranja e sudoeste/verde.
[28] Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre.

contra a escravidão, do seu amor pela liberdade, da defesa de sua terra contra a invasão espanhola, me inspira profundamente a continuar trabalhando por um mundo que acredito. Lembrar aqui da sua justificada rebeldia é entender também a memória que, indiretamente, esse espaço do CAPS carrega. Uma das poucas ruas que já conheci que não emprega o nome de um homem rico e branco, mas de um revolucionário indígena cuja história merece ser lembrada e cultivada.

O trajeto que fazia para ir até o endereço do Travessia consistia em caminhar vinte minutos até a parada do Mercado Público de Porto Alegre, viajar quarenta e cinco minutos de trem até o centro de Canoas e caminhar mais quinze para chegar na Rua Sepé Tiaraju. Ida e volta, cinco vezes por semana. Era um processo cansativo dado às oito horas, e mais uma hora de intervalo, no local. No início, quando comecei a trabalhar, todos os CAPS da Prefeitura de Canoas estavam sem sistema para acessar as evoluções dos usuários. Ou seja, não havia onde registrar o rendimento e a produtividade das instituições clínicas, nem outras informações diárias dos usuários. Isso acabou atrasando os registros, que poderiam a posteriori também prejudicar os trabalhadores. Ao longo das primeiras semanas, fui aprendendo o vocabulário da saúde, assim como as funções de oficineira, enquanto me inseria naquele espaço. Por eu não ter recebido nenhum tipo de treinamento prévio, imaginava que estaria lá ‘apenas’ para dar oficinas de arte. E, na realidade, cheguei tendo que aprender a fazer planejamento terapêutico, atendimentos aos usuários e acolhimentos na prática.

Resumidamente, o acolhimento é o serviço de entrada para o tratamento no CAPS. Qualquer pessoa pode chegar, sem agendamento prévio, e iniciar no mesmo dia uma conversa com os técnicos da instituição. No período de acolhimento, faz-se a conversa inicial para conhecer um pouco da situação do usuário que chega procurando ajuda e explicar o funcionamento do local. O atendimento, por sua vez, é quando o usuário já frequenta ou frequentou o espaço e se realizam conversas para sua avaliação e tratamento. Nesses casos, a instituição fornece um Projeto Terapêutico Singular, chamado de PTS. O projeto oferece um conjunto de propostas e condutas terapêuticas, onde, junto ao usuário - e sua família, se houver -, cria-se uma rotina, seja ela semanal, mensal, para o tratamento do usuário. E esse tratamento não consiste apenas na medicação controlada contra o vício, mas num trabalho interdisciplinar dentro do espaço CAPS. Assim como pode ser fornecido medicamentos para o tratamento continuado, a partir da avaliação do psiquiatra, os espaços abarcam atividades semanais diferenciadas para os usuários. No caso do

CAPS Travessia, tínhamos na nossa rotina semanal atividades como oficinas de pintura e desenho, de costura, de canto, oficina na horta, atividades em grafite, box, caminhadas pelo bairro, roda de sentimentos, pet terapia, encontro sobre ressaca, entre outras. A partir do interesse e da abertura do usuário, era organizado o PTS que deveria ser cumprido, sem falta, pelo compromisso com a instituição e com a redução de danos da dependência química. Quando eles faltavam, o PTS era reavaliado. No Travessia, havia 10 leitos para *tratamento intensivo*, que consistia em dias de isolamento, onde o usuário ficava apenas dentro do CAPS; também era concedido pernoitar caso houvesse cama sobrando para quem precisasse. Nenhum usuário era compulsoriamente obrigado a estar ali, podendo sair a qualquer momento que quisesse; mas, fazendo isso, interromperia o tratamento e perderia seu posto. A maioria que acabava saindo do acordo era para voltar à sua droga de dependência.

Figura 09. Cenas cotidianas, Canoas, 2022.[29]

[29] Descrição da imagem: usuário segurando o cachorro Valente, animal adotado na pandemia para ajudar no tratamento terapêutico. Na foto, nota-se um pote de ração azul no canto direito e a expressão dócil do animal. Ele veste um lenço amarelo com algumas estampas enquanto o usuário usa uma camiseta e blusa com diferentes tons de azul. Foto tirada pela pesquisadora.

Todas as semanas, quase sempre que diariamente, era obrigatório fazer *evolução* no sistema virtual. No caso, chama-se ‘evolução’ o processo de avaliação e registro on-line dos usuários onde todos os funcionários anotam dados objetivos e subjetivos das pessoas em tratamento e convivência no CAPS. No caso, há um arquivo para cada pessoa que já passou em acolhimento e atendimento na instituição. Registra-se se determinado usuário já tomou seu medicamento, e em que horas, quais atividades frequentou no dia, como se comportou em oficinas, se está sofrendo sintomas físicos da abstinência da droga etc. Ali, podíamos ter um panorama geral de sua progressão ou regressão em relação ao tratamento. Todo e qualquer profissional tinha que fazer o registro de cada um dos usuários a partir de sua atuação. Posteriormente, ao conversar com oficineiros de outros CAPS de Canoas, soube que essa tarefa era incumbida apenas para dados mais gerais e médicos do usuário; os dois oficineiros que conversei afirmaram que essa atividade não era pedida a eles, restringindo sua função apenas nas atividades artísticas.

Pensando a diferença avaliativa na escola e no papel do professor, essa ampla avaliação no CAPS só era possível pois era distribuída a todos os funcionários. Fico a refletir sobre esse banco de dados; nas escolas, a avaliação acaba sendo diferente tanto pela demanda – em quantidade de alunos, em conteúdo, planejamento de ensino e continuidade escolar – quanto pela figura do professor como grande responsável por essa atribuição. Diferenciar os objetivos das escolas e dos espaços clínicos foi tarefa essencial para enxergar a minha atividade profissional ali de outra forma. Olhar a partir dos profissionais da saúde mental possibilitou o encontro para com os novos paradigmas de atenção psicossocial envolvidos com a *arteterapia*, tema que discorrerei nos próximos subcapítulos.

2.2 CAPS e a Escola Básica: oficineira de artes X professora de artes

O CAPS Travessia atende pessoas em situação de dependência química, buscando especificamente a redução de danos dos usuários. Em sua maioria, a dependência consiste entre uma destas três principais drogas em uso na localidade: álcool, cocaína e/ou crack. Às vezes surgiam outros tipos de situações, como casos de pessoas que se vinculam mais a doenças mentais não oriundas de medicação,

então eram transferidas para outros CAPS, como o Novos Tempos[30]. Todas essas informações foram a partir da minha inserção e atuação no espaço. Quando me contrataram, o processo burocrático foi consideravelmente rápido, mas sem nenhuma instrução prévia. A sorte é que sempre existem pessoas que nos ajudam a crescer. No meu caso, alguns colegas de trabalho foram essenciais na minha atuação como oficineira e no aprendizado de todo funcionamento do local. E lá, todos ajudavam com funções operativas. Quase todos nós – oficineiro, educador social, psicólogo, técnico de enfermagem – ajudávamos na cozinha, servindo os usuários, distribuindo álcool gel, máscaras, organizando e limpando o refeitório. Sobre isso, acredito ser importante ressaltar a diferença do trabalho de coletividade no CAPS com as escolas básicas. E falar que essa diferença não se baseia numa simples consciência coletiva das pessoas dali, porém numa estrutura institucional, baseada em escalas dos profissionais que cooperam, ainda que com ressalvas, em prol da necessidade dos usuários.

Trabalhar naquele espaço foi uma experiência enriquecedora e de grandes reflexões sobre a própria área da educação. Atuar na saúde mental, sendo formada numa licenciatura com o enfoque para a sala de aula da escola básica, foi uma grande surpresa. Os desafios e as diferenças de objetivos com alunos de escola e com usuários de CAPS eram visíveis. De início, minhas proposições para as oficinas de arte tinham um caráter progressivo, de aulas formuladas num plano de ensino para vários dias de produção. Ou seja, que semanalmente eu pudesse avançar em conteúdos e atividades dentro de um planejamento de educação artística. Na prática, não era nem isso que eles queriam, e tampouco se fazia possível, pois a cada aula/oficina saíam e chegavam novos usuários, o que dificultava a ideia de continuidade.

Aos poucos fui percebendo que eu não estava ali para realizar atividades de ensino como numa escola. Às vezes era, sim, possível construir produções mais engajadas, mas elas aconteciam pelo interesse individual, não coletivo. Trabalhando como oficineira no CAPS, estudando e conversando com os usuários, fui percebendo que o que eles precisavam era do acolhimento de suas necessidades individuais – necessidades que se diferenciavam das dos estudantes de escola básica.

---

[30] Sobre o CAPS II Novos Tempos, segue o site da Prefeitura de Canoas para maiores informações: https://www.canoas.rs.gov.br/servicos/caps-centros-de-atencao-psicossocial/ Último acesso: 18 de novembro de 2022.

Figura 10. Oficina de frotagem, Canoas, 2022.[31]

O que se presencia ao adentrar nos espaços escolares se diferencia em vários aspectos com o espaço da saúde mental, especificamente das clínicas de atendimento do CAPS. Os objetivos de cada lugar também são discrepantes: na escola, pretende-se ensinar o aluno – em ambiente socializante – conhecimentos básicos de determinadas áreas profissionais e formar pessoas capacitadas para viver em sociedade; podendo, a posteriori, continuar sua formação para o campo de trabalho escolhido. Ou seja, ali, aluno e professor, convivem para que os alunos, na instrução da figura do professor e da escola, tenham suas primeiras relações entre áreas possíveis de atuação a partir de um sistema formal de escolarização. Nas escolas exigem-se avaliações objetivas, assim como uma conduta apropriada para o

[31] Descrição da imagem: sobre uma mesa cheia de marcas de lápis, tinta e arte, quatro folhas de papel A4 estão distribuídas junto a vários tipos de folhas de árvore (pequena, graúda, fina, arredondada, áspera, grande etc.). Uma pequena cesta contém lápis de cor e canetinha, e ao seu lado alguns gizes pastéis estão espalhados no canto esquerdo da foto. Sobre duas das folhas de papel A4, pode-se notar o uso da técnica de frotagem a partir dos materiais artísticos descritos.

bem comum em sala de aula no intuito de formar pessoas qualificadas para o mercado de trabalho e a vida em coletividade.

Nas escolas, o que observamos em maior escala é uma energia de vigor, vitalidade, de curiosidade e de descobertas sobre si e o mundo. Mesmo que também exista tristeza e angústias, especialmente pelo desejo de pertencimento e aprovação social, o ambiente da escola proporciona um espaço de encontros com o novo e com o diferente. A esperança e a vontade são percebidas nos olhos das crianças; a vontade de brincar, de ser escutado, de conversar, de se fazer entender. A emoção do aluno jovem diferencia-se, e muito, da emoção do usuário de dependência química. E, assim como se diferenciam nessas emoções que nos enchem de exaltação, aqui entra também a delicada questão das vontades não mais dos usuários, mas as vontades da própria droga.

Figura 11. Horta coletiva, Canoas, 2022.[32]

[32] Descrição da imagem: dois usuários pintando as pedras da horta de branco. Atrás de um deles o pequeno cachorro Valente aparece fazendo a inspeção da atividade. Ao fundo, um muro baixo com grades delimita o espaço.

Quando se trabalha numa clínica psicossocial para dependentes químicos, é necessário levar em consideração que não estamos lidando somente com um conjunto de pessoas – no caso os usuários –, mas entrando também em relação com forças poderosas; forças que controlam, regulam e suprimem os corpos ali presentes. A dominância psíquica dessas substâncias nos organismos tem a infeliz característica de fazer-se prevalecer e de sobressair-se em detrimento das necessidades humanas. Comer, dormir, sentir fome, sentir desejo etc.; alguns destes estimulantes conseguem afastar as demais necessidades fisiológicas do dependente e fazê-las se curvarem perante eles. Não por acaso as drogas parecem ser uma possibilidade de escape da fome, da tristeza, do desamor e da sobrevivência num mundo excludente e desigual em oportunidades.

Ao conviver nesse ambiente da clínica, na rotina diária de conviver com os usuários, foi sendo possível perceber essas disparidades entre a Escola e o CAPS. Por mais que o CAPS, com áreas de lazer bem cuidadas, com trabalhos artísticos espalhados, fosse um espaço amplo e acolhedor, era inegável o peso que a droga os levava a carregar. Por mais que as atividades fossem divertidas, e que eles se interessassem, era muito difícil lutar a favor (ou contra) a abstinência. O ato de privar-se da substância fazia alguns deles, dependendo da droga, suar frio, tremer. Porém, todos sentiam um sofrimento que, apenas com a droga, poderiam anestesiar. Isso que é o contraditório da dependência química: a droga te vicia no prazer, para, então, te prender na eterna fuga contra a dor. Pelos relatos deles no grupo de ressaca, era um misto de saudade[33] da droga, do prazer que ela alcança, junto ao receio do desgosto que aparece quando seu efeito desaparece.

Não há como entrar num lugar como o Travessia, mesmo que com uma sala ideal de artes, com materiais diversos e bem estruturada, e não parar para repensar, como professora, a própria atividade docente. A questão da educação no campo da saúde, a partir das artes, é algo que comecei a compreender na prática, com os usuários. Aprendi com eles sobre este novo espaço. A entender o que é necessário para uma nova proposição artística e pedagógica. Essas experiências em um novo formato como o CAPS, com diferentes composições institucionais, são questões a serem exploradas para além da noção de escola. Isso ficou evidenciado ao estar

[33] Muitas das descrições sobre os efeitos das substâncias ficavam numa relação entre amor e ódio. A palavra saudade foi usada numa roda de conversa por um dos usuários e me chamou a atenção pelo fato dele descrever a droga quase como uma pessoa.

naquele espaço. Aos poucos, fui entendendo quais eram esses caminhos que estavam sendo reavaliados para mim, como oficineira. Daqui, surgiu um novo processo a ser concebido.

Como, então, propor uma aula para o espaço do CAPS? Qual o objetivo de uma oficina de artes num Centro de Atenção Psicossocial? Os serviços de atendimento à saúde mental baseados em oficinas artísticas têm como pressuposto pensá-las como *dispositivos terapêuticos*. A partir desse entendimento que fui aprendendo no espaço clínico de forma mais empírica, pude me adentrar num estudo enfocado especificamente na arteterapia.

2.3 Arte no contexto da Saúde Mental: arteterapia como dispositivo terapêutico

> A imagem não é simples cópia psíquica de objetos externos, mas uma representação imediata, produto da função imaginativa do inconsciente, que se manifesta de maneira súbita, mas sem possuir necessariamente caráter patológico, desde que o indivíduo a distinga do real sensorial, percebendo-a como imagens internas. Na qualidade de experiência psíquica, a imagem interna será mesmo em muitos casos, mais importante que as imagens das coisas externas. Acentuemos que a imagem interna não é um simples conglomerado de conteúdos do inconsciente. Constitui uma unidade e contém um sentido particular: expressão da situação do consciente e do inconsciente, constelados por experiências vividas pelo individuo (SILVEIRA, 1992, p. 82).

Defendida como uma prática transdisciplinar no campo da psicologia, a arteterapia é um tratamento terapêutico que possui influência de áreas como a própria psicanálise freudiana. Sigmund Freud afirmava que o artista possui a capacidade de simbolizar concretamente o inconsciente em sua produção. A partir desse pensamento e dos estudos do inconsciente individual e coletivo de Carl Jung, muitos profissionais da saúde começaram a fundamentar teoricamente as atividades de arteterapia. Na definição publicada pela Associação Brasil Central de Arteterapia:

> Arteterapia é um processo terapêutico que atua na prevenção e promoção da saúde biopsíquica e social, por meio de vivencias onde os recursos expressivos e artísticos facilitam na compreensão das inter-relações, buscando promover a integração interna e externa do indivíduo em variadas situações em que se encontra. A Arteterapia traz o bem estar pessoal, utilizando em suas práticas a experiência criativa e a expressão não verbal, facilita para que o cliente, a obra realizada e o terapeuta se comuniquem, e assim sentimentos possam vir à tona, emergindo para serem identificados, reconhecidos e possam ser transformados, num exercício que

> possibilita a melhora da flexibilidade, ampliação da consciência e consequentemente, o autoconhecimento (MIRES, 2017).

No primeiro capítulo, apresentei Basaglia por ele ter sido peça central para impulsionar – e legitimar – os movimentos que levaram ao marco da reforma psiquiátrica brasileira. Muitos pesquisadores e psiquiatras estiveram na linha de frente das lutas antimanicomiais e da própria arteterapia no Brasil. Osório Cesar e Nise da Silveira foram dois dos médicos que se dedicaram à pesquisa e atividade artísticas com pessoas com transtornos mentais. “Osório César trabalhou com arte no hospital do Juqueri, em São Paulo, sob a influência da Psicanálise, enquanto Nise da Silveira desenvolveu um trabalho no Centro Psiquiátrico Dom Pedro II, no Rio de Janeiro” (COQUEIRO, VIEIRA, FREITAS, 2010).

Toda e qualquer história de luta também ocorre invisibilidade e/ou apagamento de indivíduos igualmente necessários para as demais conquistas. Frantz Fanon é um exemplo disso: psiquiatra e “revolucionário particularmente negro”[34], Fanon foi de grande contribuição para o debate da violência psíquica, ideológica e subjetiva na exploração colonial. Ainda que muito presente na área da sociologia e das ciências sociais[35], estudado por intelectuais como Jones Manoel[36] e Deivison Mendes Faustino, é evidente que seus posicionamentos políticos e a sua cor de pele tornaram sua imagem renegada pela área da saúde. Foram poucas as pesquisas dentro do próprio campo em que encontrei aprofundamento, sequer citações, sobre Fanon. Grada Kilomba, uma das curadoras da 35ª Bienal de São Paulo deste ano, relata sobre o ostracismo editorial em suas obras por conta de sua crítica e confrontação direta a Europa e ao sistema colonialista. “Como é que uma obra como esta pode permanecer “proibida” até hoje? O que é que é proibido em Frantz Fanon? O seu discurso? A sua pele? Ou ambos?[37]”, questiona Kilomba.

---

[34] Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018. Escrito por Deivison Mendes Faustino.
[35] Recomendo o artigo As Duas Faces Insubmissas de Frantz Fanon, publicada no site Outras Palavras, no ano de 2021, e escrita por Deivison Mendes Faustino.
[36] Historiador marxista e comunicador popular, militante do Partido Comunista Brasileiro.
[37] Frantz Fanon, pioneiro em estudos decoloniais, tem livro “Pele Negra, Máscaras Brancas” relançado no Brasil. Portal Aprendiz, 2020. Disponível em: https://portal.aprendiz.uol.com.br/2020/12/04/frantz-fanon-pioneiro-em-estudos-decoloniais-tem-livro-pele-negra-mascaras-brancas-relancado-no-brasil/ Último acesso: 09 de maio de 2023.

> Fanon afirmava que “O corpo é o homem, e o homem, seu corpo”, mas esse corpo, quando negado pelas adversidades coloniais, se torna uma presença negada, um ente que nem homem ou mulher chega a ser. É justamente a partir dessa urgência nascida da intimidade de quem não só vivenciou a negação, mas, sobretudo, optou por confrontá-la que melhor se compreende as posições defendidas ao longo da curta e, ao mesmo tempo, intensa, vida de Fanon (NKOSI, Deivison, p. 26, 2015).

Por mais que ele não fosse um teórico da psicoterapia ou arteterapia, as suas ideias e questionamentos acerca da realidade no viés racial são fundamentais para também compreendermos o contexto dos indivíduos que acessam os serviços do CAPS. Em sua maioria, os usuários que frequentam estes espaços são de baixa renda e negros. Quando falamos de tratamento terapêutico, não é possível desconsiderarmos a conjuntura social e política sobre a qual existimos. Esse debate, ainda que não fosse a abordagem do cuidado clínico de saúde, importa para a pesquisa no que diz respeito ao rompimento dos olhares estigmatizados sobre estes indivíduos. Frequentemente vemos um discurso moral – nas mídias, nas conversas informais – sobre as escolhas ou realidades dos usuários, num consenso social de marginalização e apagamento de seus proscritos. Facilmente se julga as situações precárias que eles se encontram sem uma análise factual das desigualdades e opressões de nossa sociedade agressiva e excludente.

Neste mesmo contexto, Nise da Silveira foi peça fundamental para difundir um outro olhar e uma prática humanizadora sobre as pessoas com transtornos mentais e de dependência química. E, para fazer isso, Nise escolheu a arte. Considerada a mulher que revolucionou o tratamento mental, a psiquiatra enxergou o potencial dos pacientes com estigma de loucura na construção de laços afetivos a partir do fazer artístico e de sua potência como expressão. Nascida em Alagoas, Nise da Silveira ficou conhecida por contrariar e reprovar os métodos psiquiátricos de seu tempo, como o eletrochoque, usados em ambientes manicomiais. Estudante junguiana, Nise foi uma das primeiras mulheres estudantes de medicina, e a única mulher numa turma de 157 alunos, a se formar no Brasil.

> A alagoana se destacou por usar a arte como uma forma de expressão e de dar voz aos conflitos internos vivenciados principalmente pelos esquizofrênicos, que tiveram suas obras expostas ao redor do mundo. A revolucionária frequentava grupos marxistas e ficou presa por dois anos acusada de envolvimento com o comunismo. Afastada da psiquiatria, ela continuou seus estudos enquanto estava no presídio Frei Caneca. Para Mariana Sgarioni, jornalista e pesquisadora, Nise da Silveira continua atual por ter quebrado paradigmas muito à frente de seu tempo. "O legado dela

> como mulher, estudiosa e médica, a gente colhe até hoje. Exemplo disso é o Movimento Antimanicomial, que começou com ela" (DULCE, 2018).

Nise influenciou e influencia até hoje os tratamentos terapêuticos na área da saúde. Sua abordagem transdisciplinar, envolvendo a saúde com a arte para a criação da arteterapia, sempre dialogou com os profissionais que trabalhavam junto com ela. Cito o caso de Ivone Lara, grande sambista brasileira, que integrava a equipe médica de Nise atuando como enfermeira e assistente social por quatro décadas: foi a artista que propôs a ideia da criação de uma sala com instrumentos musicais à disposição dos pacientes – inaugurando, assim, a musicoterapia no país. Nise conseguiu quebrar com uma visão ortodoxa de saúde mental que realizava práticas hoje consideradas de crueldade humana. Sua condenação à lobotomia (abolida em 1955), aos maus tratos dos *clientes* – maneira como ela preferia chamar os seus pacientes – e a recusa da camisa de força tornaram-se a posteriori um senso comum de reprovação geral da sociedade. Sem ela, que possibilitou outras intervenções como o uso da arte, esses antigos procedimentos possivelmente seriam permitidos e teriam permanecido vigentes nas instituições. Afirmo isso pois a luta antimanicomial e contra a violência psiquiátrica ainda continua. Podemos encontrar relatos de maus tratos, denúncias de espancamento e abusos em hospitais psiquiátricas contra pacientes em pleno século XXI. Mesmo estas instituições consideradas obsoletas desde a Lei nº 10.216, sugerindo a substituição destas pelos CAPS, esta não proíbe o funcionamento de todos os hospitais psiquiátricos, recomendando apenas a diminuição gradativa de leitos nestas unidades[38].

Os direitos humanos dos usuários/pacientes/clientes foi uma questão de vida e de luta na trajetória psiquiátrica de Nise. E essa questão permanece naqueles que também acreditam no tratamento da psiquiatria não apenas como um ramo da medicina, mas como um saber plural, poético e intenso[39]. Nise compreendia que as atividades artísticas – pintura, modelagem, desenho – oportunizavam acessos mais espontâneos ao mundo interno dos pacientes. O processo criativo nas artes motivava

---

[38] A título de menção, cito o filme 'Nise: o coração da loucura' (2005), produção cinematográfica brasileira que conta sobre o trabalho de Nise incluindo as artes para a terapia com seus clientes. O filme é dirigido por Roberto Berliner e estrelado pela atriz Glória Pires.

[39] Faço uso das palavras de Marco Lucchesi, amigo e escritor de Nise da Silveira: "O impacto primeiro [do trabalho de Nise] é de ordem filosófica: a psiquiatria não é apenas um ramo da medicina, mas um saber plural, poético e intenso." Disponível em: https://www.sescsp.org.br/coracao-liberto-perfil-da-medica-nise-da-silveira-e-seu-olhar-revolucionario-para-a-arte-como-terapia/ Último acesso em 16 de maio de 2023.

o restabelecimento de muitos clientes com o mundo externo; isso não significa que, necessariamente, eles fossem levar uma vida convencional conforme os padrões dos chamados “cidadãos sadios” (SILVEIRA, 1992). A arteterapia tem um potencial para com o estímulo cognitivo: ela ativa os nossos sentidos, a nossa imaginação e nossos sentimentos; ela possibilita ultrapassarmos bloqueios do inconsciente através das atividades artísticas. A imagem, para arteterapia e para Nise, são de fundamental importância ao terreno intrapsíquico do indivíduo. É necessário pensá-la, no tratamento terapêutico, não em sua feitura isolada, mas na produção em série dos clientes. Essa era uma das abordagens de Nise, inspiradas nas teorizações de Carl Jung. Para o tratamento de esquizofrênicos, que foram os clientes principais aos quais Nise da Silveira atendeu, a livre expressão através das várias formas de arte e imagem é um dos métodos com grande capacidade curativa.

Em relação à prática e ao legado de Nise da Silveira, neste ano pude comparecer a uma roda de conversa sobre a exposição “Esta coisa que Pulsa”, ocorrida no Museu da UFRGS. Com falas de Bárbara Neubarth, uma das fundadoras da Oficina e membro do NuTAL (Núcleo Transdisciplinar Arte e Loucura), e Leonardo Garavelo, psicólogo e pesquisador atuante, esta exposição celebra os mais de 30 anos da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP). A partir de um recorte curatorial do acervo da instituição, que possui cerca de 200 mil peças em diversos suportes criadas pelos clientes, o público pode vislumbrar a imensidão de mundos sob a perspectiva da saúde mental. Era visível a presença pulsante de Nise da Silveira, tanto no que diz respeito à proposta – que se assemelha ao trabalho de Nise com seus clientes – quanto nas várias menções honrosas feitas no minucioso trabalho de conservação da memória dos curadores e dos próprios clientes.

Na figura 12, está um dos trabalhos que tive o prazer de presenciar e de vestir: *As Vestes Falantes,* de Solange Gonçalves Luciano (*Sol,* referida carinhosamente como apelido), é uma série de produções artísticas em formato de vestimenta repletas de história e significados. Essas pinturas criadas sobre tecido nos interpelam questões não só artísticas, como éticas, estéticas e políticas. Vemos em suas pinturas um pouco de sua história: Sol foi uma cliente que viveu situações de maus tratos em outros hospitais psiquiátricos antes de encontrar o tratamento digno que recebe no HPSP, como ela mesmo ressalta. Toda a simbologia e a questão de sua humanidade, marcada pela loucura, são tanto celebradas quanto questionadas em relação à sociedade. Ela traça um paralelo de todas as suas histórias com as do manicômio e

da loucura em sua produção. E a própria obra aqui dela mencionada homenageia diretamente a figura de Nise da Silveira, onde ela reconhece o papel de Nise em sua vida.

Figura 12. Imagem fotografada da obra As Vestes Falantes, de Solange Gonçalves Luciano, Porto Alegre 2023.[40]

Toda questão da arteterapia abordada neste relato, sob a perspectiva de saúde mental no trabalho de Nise, está diretamente vinculada a atuação dentro da área de transtornos mentais como psicose, demência, esquizofrenia etc. A minha experiência pessoal como oficineira de artes ocorreu dentro de um CAPS AD III, que são unidades referentes a atendimentos de transtornos psíquicos decorrentes do uso de álcool e outras drogas. Apesar dessas diferenças (como a própria denominação dos pacientes

[40] Descrição da imagem: Numa sala de piso cinza com paredes brancas, nota-se uma vestimenta pendurada por uma fina linha saída do teto. Na roupa, podemos ler alguns pedaços das frases pintadas: ‘obrigada doutora Nise da Silveira por despertar a essência artística’; ‘reforma psiquiátrica’; ‘arteterapia’; ‘os protagonistas de arte da loucura’. Toda a vestimenta possui pinturas que contam sobre a sua vivência nas clínicas psiquiátricas. Na foto, pode-se perceber alguns pedaços deles. Atrás das vestes falantes, outra obra de Solange: a representação de uma mulher negra amarrada e amordaçada com tecidos brancos. Ao longo de toda a cama desenhada e acima dela estão frases e textos que contam sobre as experiências anteriores de Solange em hospitais psiquiátricos.

de *clientes*, para Nise, e de *usuários* para a instituição CAPS), a prática da arteterapia também é visada para o tratamento de dependência química, ainda que com resultados distintos.

A influência e o poder da arte como ponte de sustentação do sujeito é, a meu ver, inerente na sua relação com o mundo. Seja na sua linguagem ou na pura forma da expressão do indivíduo, trabalhar a partir dela é estar em sintonia com uma fazer que vem de dentro e que se manifesta concretamente na elaboração estética do sujeito – seja esta pictórica, musical, gestual, textual etc. As oficinas que ministrei pelo CAPS Travessia e a própria vivência deste espaço foram muito além das proposições terapêuticas e pedagógicas que me propunha a pensar. Não há como falar desta vivência sem considerar o impacto deste lugar na maneira como percebo a pesquisa e minha própria responsabilidade individual. No último subcapítulo desta monografia, apresento o que reverberou desta experiência curta, porém definitivamente pujante no meu entendimento do campo da educação, da saúde mental e das relações humanas em questão.

2.4 Experiências de Oficineira e para além dela: aprendendo a me (re)formar

Antes de falar do espaço da oficina que me era cedido para realizar as atividades de artes, e falar sobre a própria convivência no CAPS, acredito ser importante situar o leitor sobre as primeiras impressões que observei quando assumi a profissão de oficineira. Não só observei como experienciei na introdução desse universo do atendimento clínico. Pela área da saúde ser um campo completamente novo para mim de atuação profissional – e pela admissão quase que imediata em termos de aplicação ao emprego e contratação –, meu início no Travessia foi quase um salto no escuro. Fiz a inscrição para a vaga de Oficineira de Artes pelo site do IBSAÚDE e, quando contratada, não havia conhecimento básico das diferenças dos tipos de CAPS[41] existentes. A minha concepção inicial, pelo que me haviam comunicado no exame de admissão e estava disponível no site da Prefeitura de Canoas[42], era que trabalharia na área da saúde mental. Apenas no dia descobri que atenderia casos de dependentes químicos.

---

[41] CAPS I, CAPS II, CAPS III, CAPSI e CAPS AD.
[42] Disponível em: https://www.canoas.rs.gov.br/servicos/caps-centros-de-atencao-psicossocial/ Último acesso: 10 de maio de 2023.

A primeira semana, começando o trabalho no CAPS AD III – Travessia, foi um misto de sentimentos; foi também de muito choro e de dor por presenciar realidades tão distintas, e muitas vezes devastadoras, pela dependência com as drogas. Apesar de estar num espaço de acolhimento, infelizmente sabemos que é impossível resgatarmos tantas realidades da marginalização social. O próprio objetivo do CAPS se dá na assistência social visando a redução de danos da dependência química; e, por mais que diariamente fizéssemos uma mediação para a inserção social dos usuários – exemplo: acompanhar até uma entrevista de emprego, conseguir roupas de boa qualidade, ir junto para cortar o cabelo –, o desejo de poder fazer mais entrava em conflito com o que era de fato nossa função. Foi necessário exercitar uma postura que simultaneamente ajudasse a colocar os limites necessários, aos quais eram constantemente sondados pelos usuários.

No meu segundo dia tendo assumido o cargo, ainda engatinhando nas várias tarefas que me eram incumbidas, presenciei uma tentativa de suicídio. É um assunto delicado até mesmo para abordar num trabalho de monografia. Porém, inegável que esta ação que quase aconteceu mexeu comigo. Não deixa de ser uma experiência que marca a seriedade a qual comecei a encarar, ainda mais, minha atuação naquele espaço. Muitas vezes penso como teria sido se um dos meus colegas não tivesse sabido lidar com a situação e convencido a pessoa a não continuar com aquela ação. Antônio[43], o moço em questão, conseguiu ser atendido e encaminhado – como ele tanto pedia – para o Hospital Universitário de Canoas. Com esse acontecimento, percebi o quão difícil seria encontrar os limites, os acordos e as necessidades dos usuários e ainda ter que negá-los, colocando em risco a minha relação com eles, com o CAPS e com suas próprias vidas. Digo num primeiro momento em negar, pois, com este usuário em questão, seu pedido para ser encaminhado ao HU[44] havia sido educadamente recusado vinte minutos antes pela quantidade dos encaminhamentos do Travessia ao local, tendo excedido sua capacidade[45]. Por mais que o técnico de

[43] Os nomes dos usuários nesta monografia serão substituídos por nomes aleatórios para preservar suas identidades.
[44] Abreviação para Hospital Universitário comumente usada no CAPS Travessia.
[45] Presenciei a cena pois fui convidada pelo meu colega a acompanhá-lo no atendimento de Antônio; logo também faria essa mesma função. Pude observar o incômodo e os pedidos de Antônio para ser levado ao HU. Ao passar dos dias e semanas trabalhando no Travessia, não era incomum ouvir chantagens e ameaças de suicídio, muitas vezes usadas para conseguirem o que estavam procurando. Afirmo essa questão sem julgamento moral, uma vez que foi dessa forma que aprenderam a agir em determinadas situações de vida. Percebi que encontrar o equilíbrio entre as demandas de cada usuário e as do próprio CAPS seria um trabalho contínuo.

referência de Antônio tentasse conversar com ele e seguir as normas determinadas pelo CAPS, ocorreu o inesperado.

Os CAPS tipo III como o Travessia são instituições 24h por dia de funcionamento, sete dias por semana. O ritmo do espaço é marcado por idas e vindas de pessoas – troca de profissionais diurnos para noturnos, visitas de familiares, atendimentos e acolhimentos, reclamações, rotatividade de tarefas delegadas e serviços assistenciais para as complicações dos usuários com as drogas. Pelo fato do Travessia se encontrar no bairro Mathias Velho, grande parte dos usuários sai das *bocas* (ponto de drogas) de manhã a caminho do CAPS. Na época, muitos deles apareciam sem ter o PTS[46] planejado para o dia, sendo necessário recusar a vinda, caso não fosse emergencial, pela quantidade limitada de alimentos, leitos e espaço. Importante ressaltar este impasse pois vários apareciam apenas no horário do almoço para logo depois saírem, sem participar de quaisquer tratamento ou atividade oferecidas. O CAPS, apesar do seu caráter acolhedor, não tem como proposta a distribuição de alimentos, tanto pela quantidade ser restrita ao número determinado de profissionais e pacientes quanto pelo serviço ser pensado aos usuários que estão em tratamento intensivo, ou seja, residindo no espaço e em convivência planejada. Apesar disso, sempre existiam exceções (quando era sabido que sobraria comida para mais pessoas). Mesmo tendo em conta tudo isso e tentando criar acordos terapêuticos para frisar o caráter do CAPS, não era fácil a tarefa de conciliar as exigências de ambos os lados, usuários e a própria instituição. Aos poucos, convivendo com eles, foi possível trabalhar outras visões humanizadoras e balizar as regras do CAPS.

Além dessas situações apresentadas serem, por sua vez, delicadas de se trabalhar – especialmente se você se sensibiliza facilmente –, acredito que foi um desafio ainda maior por uma falta de experiência pessoal com outras realidades pedagógicas, pensando aqui a minha própria graduação. Não digo apenas em relação ao campo da saúde mental, que não é a proposta da licenciatura a qual fui formada, mas em lidar com faixas etárias mais velhas. Mesmo sendo uma mulher jovem, o que já torna difícil me enxergarem numa posição de autoridade, percebi uma dificuldade da minha parte em dar os limites necessários para os usuários anciãos. Sentia que o respeito que me era concedido vinha de um lugar de professora ou menina. Apesar

[46] Retomando a sigla, PTS é o Planejamento Terapêutico Singular, onde o técnico de referência e o usuário elaboram juntos os dias e os turnos que este irá frequentar o espaço do CAPS.

disso, todas as vezes enfrentei ou pedi ajuda para enfrentar desrespeitos e confusões que vinham por parte de alguns deles. Era comum ouvirmos coisas pesadas quando eles estavam bravos ou fora de si.

Figura 13. Resultado da Oficina de Frotagem, Canoas, 2022.[47]

Seu Vitor, um homem idoso com sérios problemas de alcoolismo, queria alguém para conversar. Quando ele ficou em tratamento intensivo, pude conhecer um pouco sobre a sua vida e criar laços que me tocam com muito afeto. Muito animado com as oficinas de canto, ele participava ativamente de várias atividades, mas não conseguia se afastar do vício. Notei que os trabalhos artísticos o ajudavam a se sentir pertencente àquele lugar. Numa tarde, Vitor começou a se alterar por causa da

[47] Descrição da imagem: foto de uma porta que divide dois espaços: à direita um ambiente arborizado e à esquerda a casa ou espaço fechado. Entre elas e na porta, estão coladas folhas de papel e de árvore numa composição visual. Contabiliza-se doze desenhos feitos a partir da técnica de frotagem e exibidos junto às folhas das árvores utilizadas para a criação artística.

abstinência e querer sair do tratamento, pedindo Uber para os profissionais – sobre isso, é importante mencionar que o CAPS não arca com despesas fora do tratamento. Vários colegas tentaram dialogar, mas ele permanecia com raiva e resoluto em se retirar do local. Decidi assumir a conversa já que as tentativas dos colegas haviam desgastado (era comum um profissional ajudar o outro assumindo o diálogo como método de atendimento). Porém, Vitor não cedia e continuava perturbado: “você é burra. Você é muito burra! Eu quero sair”, dizia para mim. Quando falei firme, mas calmamente que ele estava desrespeitando me chamando assim, ele ficava perplexo: “eu te chamei de burra? Eu não me lembro de nada disso. Me desculpe. Quero sair!”. Minutos depois ele repetia a mesma cena, com xingamentos seguido da mesma reação incrédula ao ser confrontado. Infelizmente naquele dia ele voltou para sua casa, interrompendo o tratamento.

No caso de Vitor, havia uma grande fragilidade. Uma sinceridade que doía por toda a sua condição de vida escassa. Semanas após sumir e não aparecer mais no CAPS, tentamos, sem sucesso, contato via telefone. Como estava inacessível, fomos visitar sua casa para conferir se estava tudo bem[48]. E, de tantas cenas bonitas que presenciei na minha atuação como oficineira, trabalhando com eles na horta, conversando sobre suas realidades, jogando carta, cantando, pintando, desenhando, ouvindo anedotas, levando-os para a vacinação contra a COVID-19, ajudando na tramitação de documentos perdidos, o momento de estar na casa de Seu Vitor foi uma experiência emocionalmente adversa. Quando professores numa escola, chegamos a conhecer e se familiarizar com a vida de muitos dos nossos alunos. Sabemos da condição social, de seus conflitos em casa e da situação econômica por parte de relatos e de convivência; e, por mais que a relação se dê essencialmente no espaço escolar, temos uma pequena dimensão das realidades a qual eles se encontram. Apesar disso, é muito improvável que cheguemos a entrar nas casas dos nossos alunos, uma ação que excede a função do professor. Talvez por isso a diferença que senti na relação de estar dentro do espaço do Seu Vitor tenha sido reveladora para a minha compreensão pedagógica.

Ao chegar no humilde bairro de seu Vitor, foi necessário batermos palma e chamar pelo seu nome diversas vezes até que ele escutasse. Havia duas casas e um pequeno caminho improvisado ao lado que dava o acesso para a segunda pequena

[48] As visitas domiciliares (VD) são parte do atendimento do CAPS.

residência. Quando ele finalmente apareceu, sua situação estava mais drástica do que quando ele havia deixado o CAPS. Surgido repentinamente dos fundos da casa, nos depararmos com seu Vitor severamente prejudicado por sofridos ferimentos corporais; seu corpo estava em situação crítica de saúde, com os seus braços em tons escuros de lesão exposta e hematomas por todo lado; mas o mais grave seria o inchaço desproporcional de suas mãos e dedos em estado impraticável de uso. Era difícil não se comover olhando para o seu rosto completamente roxo, machucado e perplexo. Sua expressão, ainda que vacilante, evidenciava a sua surpresa pela presença das pessoas que ele havia rechaçado.

Eu nunca havia entrado num lugar mais abandonado em termos de condições de vida: sua patente (semelhante ao banheiros de roça) estava inteiramente destruída por uma árvore caída em tempestade; o chão de terra embarrada era rodeado por alimentos carcomidos e fezes; moscas rondavam aos montes numa intratável avareza; e a casa, marcada com sinais de móveis inexistentes, continha apenas uma cômoda e um colchão impróprio para um ser humano dormir dignamente. Seu Vitor nos contou sobre o espancamento que havia sofrido ao tentar recuperar um dinheiro que estavam devendo a ele, mais o roubo de sua casa, que ele suspeitava ser da própria família. Era visível que havia sido feito uma limpa naquele lugar. Vitor contou que havia deixado a maior casa para sua família e vivia sozinho no casebre abandonado de trás. Após todo seu relato, separamos os documentos e fomos juntos ao CAPS para um banho e logo ao hospital tratar corretamente o seu corpo lesionado. No carro cedido pela prefeitura, ao seu lado e conversando de forma amena com ele, percebi que era necessário trazer alento a Seu Vitor. Ele deixou ser conduzido em todo o processo que tivemos da sua casa até sua re-internação ao CAPS. Toda essa situação, por mais profissional que seja e exija dos trabalhadores uma postura de segurança em relação às circunstâncias, foi uma experiência emocionalmente forte para mim. Se com meus alunos já me sentia impotente em me deparar com suas realidades, presenciar a dos usuários foi uma atualização deste mesmo sentimento.

Ainda que existem semelhanças, o trabalho no CAPS se difere e muito com o do espaço escolar. Na escola básica, existe para os alunos a obrigatoriedade de estar frequentando as aulas, receber avaliações, participar ativamente das atividades incumbidas aos seus papéis discentes etc. O colégio acaba sendo um dos principais espaços de construção de suas primeiras experiências com o mundo afora, com o outro, desenvolvendo as aprendizagens cognitivas, afetivas e relacionais de suas

formações individuais e socializantes. Em relação ao ensino de arte, vejo-a como uma via para a expansão de seus horizontes, da produção criativa e imaginativa diretamente conectada às suas realidades e com o mundo. Em qualquer das minhas práticas docentes, relaciono o ético com o estético, na busca constante por uma educação ético-crítica que viabilize o pensamento a partir de valores mais íntegros, justos e democráticos. No meu trabalho de conclusão de graduação, argumento que uma das funções das artes seria:

> [...] viabilizar práticas para expandir visões de mundo, vocabulários, determinado senso crítico, para que eles, os alunos, possam ter a possibilidade de relacionar estas questões, e outras, com suas vidas, em seus cotidianos (SULCZINSKI, 2019).

Como isso pode ser pensado neste espaço do CAPS? Pensado a partir de realidades que não estão em formação, como nas escolas, mas que já se integraram, à sua maneira, dentro do contexto social? Qual é a importância que a arte pode ter dentro do CAPS, dentro de suas vidas? A princípio, creio que eu tinha uma pretensão muito grande em relação a um papel revolucionário da produção artística em suas existências. Não digo que ela não seja fundamental, mas penso numa outra perspectiva. Trabalhando nas oficinas de arte com eles, foi possível presenciar a potência criativa e relacional dos usuários com suas representações de mundo, imaginações pessoais e singulares soluções para narrar suas vivências. O próprio espaço da oficina possuía uma atmosfera acolhedora para isso.

A propriedade do imóvel do CAPS Travessia era composta por uma casa de dois andares, com vários cômodos: sala de recepção, corredor, banheiros, quartos dos usuários em internação, sala médica, salas de acolhimento e atendimento, espaços de convivência, sala dos profissionais da saúde. No andar de baixo, havia alguns quartos para guardar remédios e a garagem onde ocorria as refeições. Atrás da casa, havia um grande pátio, com jardim e horta. Entre eles, a oficina ficava num pequeno casebre. Com uma grande quantidade de roupas em gavetas, materiais de pintura e desenho, folhas e canetas, a oficina dispunha de um espaço favorável para a produção artística. Com dois banheiros usados também para a limpeza de pincéis, a maioria das atividades tanto de música quanto de artes visuais aconteciam ali. Foi dali que comecei a pensar e repensar as atividades que planejava para os usuários.

Quando comecei o CAPS, havia planejado as oficinas de canto diferente das de pintura e desenho. Sabia da existência de corais nos CAPS de transtornos mentais,

e por isso tinha o desejo de trabalhar algo semelhante caso fosse de interesse dos usuários. No início, criei oficinas como aulas de caráter progressivo. Tinha como objetivo um ensinamento de saúde do corpo pensando o canto como um instrumento de autoconhecimento e atividade artística. No entanto, uma aula/oficina que falava sobre tessitura vocal, respiração diafragmática e intercostal, conhecimento anatômico das pregas vocais, diferença da voz falada e cantada, classificações vocais etc. eram saberes técnicos que se dispersavam com muita rapidez e de pouco interesse coletivo. Por mais importante que fosse, não era o que eles queriam aprender. E, diferentemente de um currículo escolar, em que se exige uma educação a partir de conhecimento técnicos, a qualidade das oficinas reside numa relação muito mais informal – no sentido experimental da oficina – e terapêutica. A terapia numa instituição para dependentes químicos também se difere das de tratamento de transtornos mentais, que possuem maior regularidade e constância. Todas essas diferenciações foram sendo compreendidas ao longo da minha atuação como oficineira, podendo assim modificar as propostas de acordo com as demandas do tratamento de cada usuário. Poder reformar as minhas práticas pedagógicas a partir do trabalho no CAPS foi um grande diferencial no meu processo pessoal como professora e educadora de artes.

Figura 14. Exposição de mandalas, Canoas, 2022.[49]

As atividades nas aulas de pintura e de desenho foram muito mais orgânicas e receptíveis também pela familiaridade com essas técnicas, além de não precisarem se expor como no canto. Na licenciatura, fui ensinada a evitar atividades que se baseavam em pintar mandalas ou desenhos para colorir. Não que elas sejam sem

[49] Descrição da imagem: fotografia de onze mandalas justapostas e pintadas a mão. Cada uma das mandalas possui formas e cores distintas entre si. O amarelo é a cor que mais se ressalta na maioria dos desenhos.

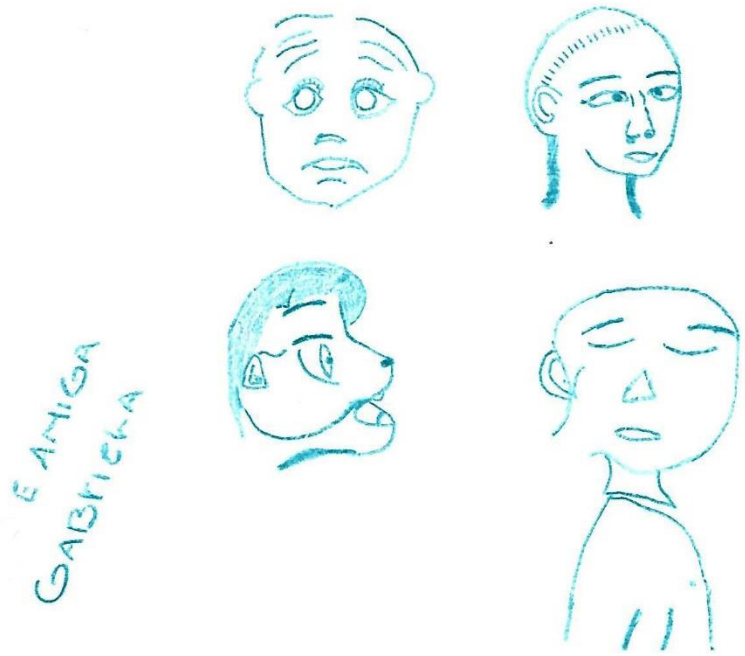
propósito algum, mas numa escola básica a aula de artes pode ter uma infinidade de saberes, técnicas e reflexões teóricas a serem exploradas e desenvolvidas[50]. Ao entrar no CAPS, comecei evitando esse tipo de trabalho com imagens e/ou desenhos estereotipados. Grande parte das práticas que realizei foram bem acolhidas, mas fui percebendo que o objetivo reflexivo que tinha para com os usuários era outro. Não estava ali para educar sobre amplos saberes teóricos ou práticos, apenas se o interesse surgisse de algum deles.

O desenvolvimento cognitivo e o movimento do corpo dos usuários eram completamente diferentes aos das crianças. Pessoalmente, gosto de abordar de maneira transdisciplinar assuntos que envolvem o campo social, cultural e simbólico de quaisquer docentes. Mas, se você como professor não está ciente das implicações da atividade pedagógica escolhida a seus discentes – se essa escolha for fazer mandalas ou debater sobre um filme ou um exercício criativo de releitura –, o objetivo da aula perde seu compromisso com o aluno e com a própria sociedade. A natureza de uma boa aula ou prática pedagógica depende muito mais da articulação que o docente faz e propõe sobre um tema, e da sua relevância circunstancial, do que da particularidade formal da tarefa. Isso desmistifica a negação de práticas educacionais – acertadamente criticadas em seu uso desmedido nas salas de aula; a arte na escola ainda precisa ser muito debatida pelos professores para se pensar o desenvolvimento e exploração das extensas possibilidades artísticas existentes. Mas ali, na oficina de artes de um CAPS, as relações de ensino e de arte com os usuários têm outras motivações. Eles sabem que estão neste espaço para tratar de um problema. E, da mesma forma, a arte se faz presente para auxiliá-los neste processo. É importante encontrar as atividades que eles têm afinidade. Para isso, além de propor o que intuía e o que planejava de oficina, perguntava a eles para saber o que queriam, o que gostavam de fazer e como preferiam se expressar: e o que muitos deles queriam eram as mandalas de colorir, os desenhos para pintar, as tarefas sobre sentimentos: “O que

[50] Tomo como referências à minha prática pedagógica o trabalho de doutorado da professora Luciana Loponte, onde ela discorre sobre o conceito de Docência Artista. Na Tese, Loponte traz um panorama do ensino de arte no RS durante nos anos 2000 e como essa educação, além de ser amplamente realizada por professoras pedagogas, muitas vezes reduz a disciplina em atividades manuais padronizadas (como o de colorir um desenho impresso). Ela defende uma educação em que o docente instaure, junto aos alunos, produções reflexivas, formais, visuais, conceituais não amparadas a fazeres acríticos, mas que possibilitem um desenvolvimento sensível, artístico ou educativo a eles mesmos. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6346/000484287.pdf?sequence=1 Último acesso: 14 de maio de 2023.

te faz feliz?” “O que te deixa triste?”. Perguntas que comecei a pedir em folha junto a um desenho, para que representassem o que sentiam. Cássio, um senhor que voltou a frequentar a internação após um surto devido ao alcoolismo, agradeceu com muita emoção uma dessas tarefas. Nela, ele contou sobre sua família falecida, sobre sua solidão; desenhou a sua filha e a esposa. Foi um momento muito tocante para ele, e para mim. Muitas destas atividades tinham esse caráter de acesso a memórias a pessoas saudosas, mas também de foco ativo na produção repetitiva da arte.

Figura 15. A expressão dos rostos, Canoas, 2022.[51]



Lucas, pedinte de semáforo, pintou mais de quarenta mandalas e isso o ajudava a ter orgulho de si. Alguns usuários cansavam rápido de certas atividades, mas era interessante encontrar a prática artística que mais agradava a cada um para voltarem a fazer na semana seguinte ou antes, caso quisessem. No caso de Afonso,

[51] Descrição da imagem: desenho de quatro figuras feitas com lápis de cor azul. Cada uma delas possui uma expressão diferente. A primeira, da esquerda para cima, possui uma expressão pensativa; a do seu lado, com a visão um pouco estrábica, tem uma aparência tranquila. A figura da esquerda para baixo é a mais surpresa, com suas sobrancelhas elevadas, e a última delas com a expressão mais serena.

que tinha como profissão roubar carros, foi a produção de costura; Talles, outro usuário, descobriu que gostava de fazer releituras dos meus desenhos; seu Alan queria apenas cantar e tocar as músicas que o deixavam feliz; Maria encontrou gosto pela pintura abstrata; Antônio, o mesmo usuário que havia atentado contra sua própria vida no meu segundo dia no Travessia, era um dos mais ativos participantes das oficinas de canto. Após retornar do HU e um dos profissionais do CAPS fornecer um violão para o espaço, Antônio pegava todo dia o instrumento para dedilhar as variadas músicas que ainda lembrava da sua educação na igreja. Várias vezes cantei junto a ele e a outros usuários, tendo momentos de cumplicidade que conseguiam atenuar a presença oculta, porém incessante, da droga.

Demorou um pouco para eu compreender a necessidade da arteterapia como conhecimento prático à minha própria reeducação pedagógica. Eu não estava ali para ensinar como numa escola básica. Por mais que eu tinha isso em conta, reforço essa questão pois o meu lugar no CAPS, independentemente de ser também uma professora e me reconhecerem de tal forma, era o de oficineira atendendo casos na área da saúde mental.

Vale destacar sobre a questão do CAPS AD III: todo o cuidado clínico não se resume à questão hospitalar ou medicamentosa; entretanto, no que diz respeito à dependência química, não há como tratar o usuário desconsiderando a necessidade do medicamento como parte fundamental do tratamento. Todos os procedimentos terapêuticos presentes no CAPS colaboravam para a melhora do usuário. Saber com mais detalhes os efeitos das drogas, de suas sequelas e das lutas internas contra essas forças tão poderosas foi indispensável para entender também o lugar da arteterapia na minha prática e na reestruturação das minhas atividades com eles. Elas não se resumiam em fazer apenas as atividades de seus desejos, mas de compreender o caráter terapêutico da arte, de acesso a emoções muitas vezes suprimidas pelas drogas, de trégua às perturbações emocionais e fisiológicas de seus efeitos e da manifestação de seus universos particulares.

Para uma pessoa em dependência química, os conflitos com a droga são parte da sua relação com a existência. Eu nunca havia convivido ou experienciado de perto os efeitos dela numa pessoa até entrar no CAPS. Acredito que apenas quem possui um parente ou amigo próximo, que trabalhe com isso ou tenha sido dependente consegue dimensionar as consequências negativas na vida de um ser humano viciado em drogas. É um caminho que, em sua grande maioria, não tem volta. O peso de

carregar o vício ultrapassa a racionalidade e os estragos neurais e fisiológicos que cada uma dessas drogas faz em um ser humano (álcool, cocaína e crack) são quase tão difíceis de consertar quanto irreversíveis. Por isso que o objetivo do CAPS não é esperar que o usuário, ao sair do espaço, pare de usar a droga – isso é impraticável se não compreendemos que o retorno à dependência não se baseia em uma escolha racional –, mas sim de reduzir os danos da droga, preservando sua cidadania, seus vínculos sociais e afetivos e sua reinserção pelo acesso ao lazer e ao trabalho. Vejo o papel da arteterapia dentro deste contexto como um dispositivo terapêutico essencial para a redução desses danos. A arteterapia consegue encontrar sentidos a partir da expressão e da descoberta de potencialidades singulares dos usuários. Sua qualidade na suspensão das dores e da própria realidade com a droga possibilita alterar estados corporais e emoções de quem a usufrui.

Figura 16. Oficina de artes, 2022, Canoas.[52]

[52] Descrição da imagem: seis pessoas se encontram sentadas numa sala fechada com alguns armários e composições visuais. Cinco deles estão em volta de uma mesa e o outro sentado num banco de madeira à direita. Na parede de lajotas brancas, há um cartaz escrito ‘deixe seu recado a favor da vida’. Todas as pessoas estão usando máscara. Pode-se notar diversas intervenções artísticas na sala. Desenhos e palavras aparecem nos vários retângulos coloridos enfeitando a sala. Podemos notar as palavras ‘amor’, ‘SUS’, ‘lute’, ‘música’, ‘verdade’, ‘voe’, ‘saúde’ entre outras. A foto é um registro da oficina de artes do CAPS AD III - Travessia.

Como oficineira, pude presenciar positivas repercussões da arte nos usuários. Pude, também, compreender a minha atuação naquele espaço da forma mais adequada ao campo da saúde mental. Os aprendizados intercambiados dentro dos meses que estive na companhia de cada uma das pessoas no Travessia foram de ordem profissional, mas também afetiva. E as questões que trouxe no início da monografia sobre o campo social, a questão da desigualdade, estiveram sempre presentes em toda a minha vivência no local: as dificuldades de autoridade serem maiores entre profissionais mulheres do que homens, os usuários serem em maioria homens negros e de baixa renda, as relações de poder entre profissionais da saúde, tudo isso – por mais presente e cotidiano que tenha sido – fez parte da minha construção pessoal para chegar à prática docente que estava buscando. O coração deste trabalho se define na minha experiência a partir das reflexões profissionais e pedagógicas às quais foram oportunizadas pelo trabalho no CAPS. E os usuários foram os agentes centrais dessa vivência.

Eles mostraram os caminhos da produção a partir de suas ricas experiências de vida. Cada um deles cheios de história, de desejos. Mesmo sendo impossível competir com a droga, mesmo a desvantagem que ela traz em suas rotinas, em suas relações, eles estavam ali em busca de mudança. Em busca de si mesmos. Generosamente, todos os usuários que convivi me apresentaram um pouco mais sobre eles e sobre mim. Foi com eles que pude conhecer a beleza, os desafios e as possibilidades que o papel de oficineira tem a contribuir e a aprender. Talvez eu nunca retorne a trabalhar na área da saúde, mas com ela pude mudar um pouco dos meus rumos e entender com mais sensibilidade o terreno da dependência química. Essas questões necessitam serem olhadas, acolhidas, cuidadas, humanizadas. Não se pode transformar uma sociedade colocando os seus proscritos na marginalização. O espaço do CAPS e da saúde mental são lugares onde se resiste a essa segregação.

Talvez a arte possa indicar caminhos que oportunizem outros movimentos integradores. Assim como Nise da Silveira e Paulo Freire, acredito numa educação e num mundo em que a cura para essas estruturas desiguais e discriminatórias, para as pessoas que mais sofrem com elas, seja feita pelo contato afetivo, por uma educação libertadora e de assistência institucional, comunitária. Para essa reconstrução, é fundamental a nossa própria intervenção. "A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa a acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo" (FREIRE, 2000). Comprometer-se

com os nossos ideais é estar em direção a esses caminhos almejáveis. Para mim, encontro na denúncia da imobilidade, do descaso, da apatia, na luta em prol dos que mais precisam de nós. E essa travessia não se faz sozinha. Todos aqueles citados explícita ou implicitamente na monografia são parte desse empenho e dessa escrita. Espero que este trabalho possa se unir à progressiva e incessante causa da liberdade, da relação interdependente entre os indivíduos (FREIRE, 2004), na radicalidade de uma sociedade que edifica outros modos de se pensar e de se fazer em coletividade. Na “luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas [...]” (FREIRE, 2016, p. 63). Pela desacomodação das injustas estruturas sociais que geram a violência sistemática contra seus oprimidos. Enfim, no engajamento pessoal às responsabilidades elegidas conforme os nossos princípios e posicionamentos igualmente exercidos.

Considerações Finais

Para as considerações finais – e o que me move a pesquisar sobre arte, política e saúde mental – trarei as reverberações centrais das ideias discorridas ao longo do texto, junto aos objetivos fundamentais desta pesquisa, para se pensar a continuidade dos meus processos no campo docente. Nesse sentido, ressalto que o objetivo desta pesquisa residiu na problematização do papel pedagógico de uma licencianda em artes visuais em seu trabalho como oficineira de CAPS.

No primeiro capítulo da monografia, busquei apresentar o panorama político em que se encontrou toda a experiência realizada no CAPS AD III – Travessia. O contexto pandêmico, as reconfigurações relacionais entre as pessoas, as instabilidades e as mudanças com a terceira dose acessível para a maioria da população; neste subcapítulo, procurei conduzir ao leitor a delicada conjuntura social em que vivíamos e que continuamos vivendo sob influência da COVID-19. Toda a presença da morte e das consequências econômicas na vida das pessoas e como isso refletiu diretamente com o agravamento da situação dos usuários, na sua insegurança alimentar, trabalhista e de dependência química com as drogas. Quis trazer essa análise no início do trabalho pois não se pode falar da realidade dos usuários e do CAPS sem expor os principais problemas de origem advindos do sistema capitalista e desigual ao qual vivemos. Em termos de oportunidades, de auxílio e de condições dignas para a população mais pobre, torna-se essencial revelar tais circunstâncias para que se possa compreender a dimensão social do espaço clínico da saúde mental.

Em continuidade, tratei de identificar alguns dos acontecimentos marcantes da história da luta antimanicomial no Brasil ocorridas nas últimas décadas. Apresentando Franco Basaglia e sua forte influência para a Reforma Psiquiátrica brasileira, busquei desenvolver sobre a Lei nº 10.216 e sobre a sua importância na extinção progressiva dos manicômios e substituição por outros recursos assistenciais como o próprio CAPS. Essa lei foi um dos grandes aparatos legais para a concretização da reestruturação no campo da saúde, reordenando sua base antes hospitalocêntrica para uma nova distribuição de atendimentos aos pacientes, clientes e usuários destes serviços. Na sequência, abordei sobre uma das questões centrais da monografia que é a problematização da minha formação como docente dentro do papel de oficineira de artes numa clínica de atendimento psicossocial. Contei um pouco de minha

trajetória na área das artes, buscando compreender também o papel da educação para a minha relação com o mundo. Nesse sentido, defender o desejo de trazer à prática pedagógica uma pedagogia de consciência coletiva, de responsabilidade com o outro e com o ensino, seja este numa escola básica ou no espaço clínico.

Sobre o contexto da saúde mental, localizei os caminhos até a região do CAPS AD III – Travessia para descrever com maior exatidão tanto as suas especificidades territoriais quando o meu próprio percurso diário até a instituição. Todo o trajeto de Canoas, da estação de trem ao CAPS, marcou a rotina e a relação em trânsito com a cidade. As demais particulares desse caminho, das ruas sem pessoas, das calçadas desniveladas, foram parte fundamental do ritual cotidiano para adentrar no meu papel de oficineira. Neste mesmo subcapítulo busquei apresentar de maneira resumida o funcionamento do Travessia, seu sistema de acolhimento, de atendimentos, PTS's, tudo isso a fim de exemplificar o trabalho que me era incumbido para além de atividades em oficina. As principais diferenças que pude analisar trabalhando no CAPS entre a docência para alunos de escola básica e para pessoas em dependência química foi sendo abordada ao longo de toda pesquisa, assim como as questões de perpetuação da exclusão e do abismo social ao qual pessoas em situação de drogas se encontravam: toda a problemática da droga e de sua força de aprisionamento e controle do desejo sobre o corpo. Essas questões foram essenciais para compreender os diferentes objetivos pedagógicos entre ambos os espaços – escolar e clínico – e para aprofundar o papel da arteterapia no tratamento da saúde mental.

Em continuidade, foi apresentado o trabalho de Nise da Silveira não só na sua relevância histórica para a revolução na psiquiatria como em suas reverberações contemporâneas. Nesse sentido, trouxe a exposição *aquela coisa que pulsa*, realizada no Museu da UFRGS, para articular sobre a potência artística, e de tratamento clínico, que Nise desenvolveu ao longo de sua vida. E a arteterapia, sendo defendida como metodologia sensível e humanizadora do tratamento clínico e da produção artística dos indivíduos ali em exposição.

No último subcapítulo, foi o momento em que todas as questões sobre a arte e o campo da saúde mental puderam ser desdobradas a partir de um recorte de experiências pontuais vivenciadas como oficineira. Tornou-se fundamental retomar a questão da problemática da prática docente para então narrar as situações que me levaram a repensar e reformular a própria articulação pedagógica. A busca por uma atuação prezando a humanização e a inclusão social do usuário em sociedade no

espaço clínico parte também da dimensão terapêutica a qual um educador social ou oficineiro se encontra. Para isso, foi necessário debater sobre este espaço em relação à escola para compreender a situação de ambos em minha atuação docente. Foi necessário expor estes dois contextos pois ambos fazem parte de distintas, porém relacionadas, realidades sociais.

Como conclusão, considero que a monografia conseguiu atingir o seu propósito em trazer um debate sobre as distinções entre a atuação pedagógica numa escola básica e numa clínica de atendimento psicossocial. O objetivo residia na análise desses dois espaços, adentrando com mais afinco no campo da saúde mental, para conceber uma nova relação com a prática docente. No início, como oficineira, tinha a ideia equivocada de que realizaria atividades de caráter semelhante ao que eu havia aprendido nas disciplinas e estágios em educação. Foi a partir da minha relação com os usuários e o conhecimento da prática terapêutica que pude compreender e reformar a didática das aulas, oficinas e convivência com eles no CAPS.

Ainda que as atividades no âmbito da saúde mental sejam distintas as de uma escola, prezo pelo potencial individual e coletivo do discente em ambos, mas de diferentes maneiras – seja aluno ou usuário. Não é na exigência de uma posição questionadora dos sujeitos em questão, mas da relação direta do conhecimento sobre suas próprias existências. Nesse sentido, levando em conta a realidade dos indivíduos para trazer a eles aquilo que os faça expandir à sua própria consciência. No trabalho com a arte e a educação, existe a possibilidade dos encontros entre o sensível e o inteligível, assim como com a própria loucura. Para mim, isso se torna uma potência de fundo através da qual podemos criar pontes de conexão, de afeto, e resgatar essa proximidade a partir da linguagem das artes. Junto a isso, quando tratamos de pessoas em dependência química, é possível também trabalhar na tentativa de se pensar uma formação radicalmente não apassivada, porém indagadora, curiosa, na concretude de ideais coletivos. Enfim, seja pelo viés terapêutico, artístico ou docente, no campo de atuação que for, lutar pela possibilidade de transformar a nossa realidade, e a das demais pessoas. É por elas, e por nós, que continuamos a travessia.

Referências Bibliográficas

Conselho Federal de Psicologia (Brasil). **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) no CAPS - Centro de Atenção Psicossocial**. ed. rev. - Brasília: CFP, 2022. 146 p.

BRASIL. Lei no 10.216/2001, de 06 de Abril de 2001. Dispõe sobre a extinção progressiva dos manicômios e sua substituição por outros recursos assistenciais e regulamenta a internação psiquiátrica compulsória. A internação psiquiátrica só será indicada quando os recursos extra-hospitalares se mostrarem insuficientes. Brasília. DF: Câmara dos Deputados. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20004 Acesso em: 18 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: MS, 2003. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pns_alcool_drogas.pdf Acesso em: 4 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. Portaria GM 224/92. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**: Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental : 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf Acesso em: 5 mai. 2023.

COQUEIRO, Neusa Freire; VIEIRA, Francisco Ronaldo Ramos; FREITAS, Marta Maria Costa. **Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde**, Acta Paulista de Enfermagem, São Paulo v. 23, n. 6, p. 859-862, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ape/a/9LVK4BKMMB5mrwXwjDbWgfh/?lang=pt&format=pdf Acesso em: 4 mai. 2023.

DULCE, Emilly. Nise da Silveira: a mulher que revolucionou o tratamento mental por meio da arte. Brasil de Fato, 15 fev. 2015. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2018/02/15/nise-da-silveira-a-mulher-que-revolucionou-o-tratamento-da-loucura-por-meio-da-arte Acesso em: 9 mai. 2023.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultura pela Liberdade e outros escritos**. 5a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 30a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 60a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GALLETI, Maria Cecília. **Itinerários de um serviço de saúde mental na cidade de São Paulo: Trajetórias de uma saúde poética**. Tese de Doutorado. PUC - SP. 155 p. 2007.

GUIMARÃES JUNQUEIRA, Anamélia. CRISTINA CARNIEL, Isabel. **Olhares sobre a loucura: os grupos na experiência de Gorizia**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 2, p. 12-22. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v13n2/v13n2a03.pdf Acesso em: 4 mai. 2023.

LIMA, Elizabeth Araújo. **Arte, clínica e loucura**: um território em mutação. Summus: FAPESP São Paulo, SP. 2009.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. 1ªed. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

NAJAR, Mires. Um pouco mais sobre arteterapia. Associação Brasil Central de Arteterapia, aug. 2017. Disponível em: https://www.abcaarteterapia.com/arteterapia Acesso em: 09 mai. 2023.

NKOSI, Deivison. “Por que Fanon? Por que agora?”: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 3 set. 2015.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Rio de Janeiro.Alhambra.1981.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das Imagens**. São Paulo: Ática, 1992. 165 p.
_____. Cartas a Spinoza. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. 108 p.
_____. Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 138-150, Março 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rlpf/a/6Nqr7mZbmrqNwZ8mDRBd8DQ/?lang=pt&format=pdf Acesso em: 9 mai. 2021.

RAUTER, C.. **Oficinas para quê?** Uma proposta ético-estético-política para oficinas terapêuticas. In P. Amarante (Org.), Ensaios: Subjetividade, saúde mental, sociedade (pp. 267-277). Fiocruz. Rio de Janeiro. 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A educação estética**. In: Psicologia pedagógica. Artmed, Porto Alegre: 2003.